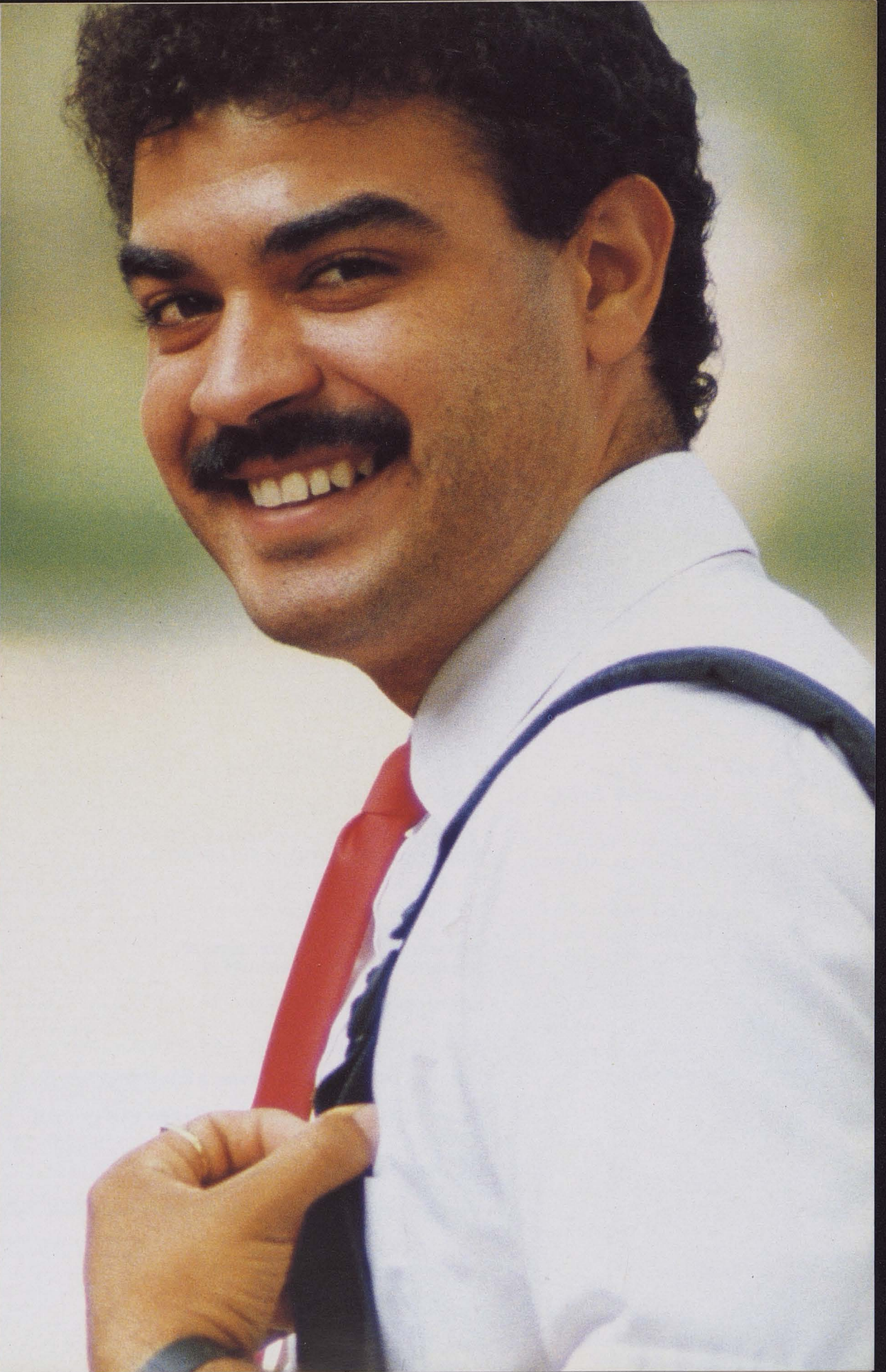


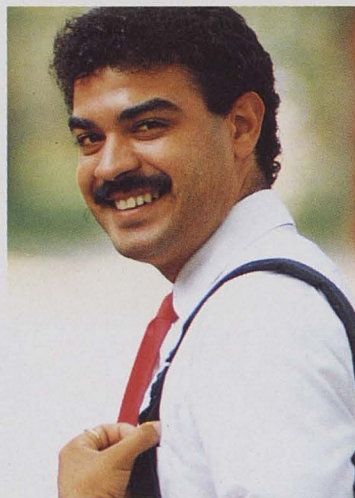
ALLAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ■ MARÇO DE 1991



A LIAHONA

MARÇO DE 1991



Capa:

Gilberto Dorta, membro da presidência do quorum de élderes da ala 2 Brooklyn, é um exemplo da aparência feliz dos santos do Brooklyn, (Nova York). Vide "Janelas do Brooklyn para o Mundo", na página 36.

Terceira Capa:
"As Bodas de Caná",
de Carl Heinrich Bloch.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: MÃOS PRESIDENTE THOMAS S. MONSON	2
PROMESSAS PASCAIS CUMPRIDAS NA ÚLTIMA CEIA TERRY W. TRESEDER	12
"PEQUENINO COMO EU" R. VAL JOHNSON	25
FUI APROVADO PARA REBATISMO GAYE GALT	30
WALTER SPÄT E A PRIMEIRA ESTACA SUL-AMERICANA NEUSA LONGO	32
JANELAS DO BROOKLYN PARA O MUNDO GLEN NELSON	36
CÂNTICOS DE PÁSSAROS E VIOLETAS THOMAS J. GRIFFITHS	42

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

COMPANHEIROS ZOLA WHITING	8
PECADOS PERDOADOS MAS NÃO ESQUECIDOS HEATHER O'BRIEN	20
MEU AMIGO PATRICIA R. ROPER	46

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS	1
MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: EDIFICAR UM TESTEMUNHO PESSOAL	24

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: A DESTRUIÇÃO DOS JAREditas	2
HINO: ORO COM FÉ JANICE KAPP PERRY	5
O TESTEMUNHO DE JAMIE PATRICIA WARNOCK	6
SÓ PARA DIVERTIR: DESENHE A RESPOSTA JULIE WARDELL	9
TEMPO DE COMPARTILHAR: OUVIDOS PARA OUVIR LAUREL ROHLFING	10
EXPLORANDO: MEU SER MARAVILHOSO JOYCE LESLEY	12
FICÇÃO: VIVER DE NOVO — PARA SEMPRE SANDRA C. NELSON	14

MARÇO de 1991, Vol. 44, nº 3
91983 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:

Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:

Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:

Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg, Robert E. Wells

Editor: Rex D. Pinegar

Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton

Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:

Editor Gerente: Brian K. Kelly

Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner

Editor Associado: David Mitchell

Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker

Controlador: Diana W. Van Staveren

Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Desenho: Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton,

Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Paulo Dias Machado

(Reg. 8966-35-02 - RJ)

Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas

Caixa Postal 26023

São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 950,00; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5MSJ - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00.

Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 80,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonês, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.

Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. - Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price \$9.00 a year. \$1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

COMENTÁRIOS

UM ESPÍRITO MARAVILHOSO

Quero relatar a vocês a alegria que tive com o maravilhoso espírito que senti ao ler a *Liahona* (espanhol) de maio. Gostei especialmente do artigo "Somos muito abençoados", sobre a família Yefi, do Chile. Senti um grande amor por ela, apesar da distância que nos separa. Agradeço a ela por seu maravilhoso exemplo de fé e amor à obra do Senhor.

Dentre outros artigos que me sensibilizaram profundamente estavam o da família Davies, de Utah, e de seu desejo de levar o evangelho à família Kereszti, da Hungria ("Começar as Coisas"); o dos irmãos Moreira, de Portugal, ("Amor Fraternal"); e... bem, todos eles são muito especiais! Creio que a revista de maio impressionou-me, por estar voltada para a obra missionária, e por meu marido ter sido chamado como presidente da Missão Venezuela Caracas.

Sempre usamos a *Liahona* como instrumento missionário e a presentamos aos amigos que estão pesquisando a Igreja. Eles a aceitam e lêem com muito interesse e alegria.

Nos dezesseis anos em que somos filiados à Igreja, colecionamos a *Liahona*. Congratulo-me com seu nobre empenho e aguardo com muita alegria as futuras edições.

Estela de Hoffman

Ramo de Naganagua

Estaca Venezuela Valência

ESTABELECI UMA META

Fui inspirado a escrever esta carta devido a algo que me aconteceu. Eu estava lendo a *Liahona* (espanhol) quando

cheguei ao artigo final da edição. Ele não me pareceu importante, mas, já que não tinha o que fazer, decidi lê-lo. Ao terminar, fui inspirado a escrever agradecendo pelo fortalecimento que recebi da revista.

Minha mãe, meu irmão e eu somos os únicos membros da Igreja em nossa família. Fui batizado em janeiro de 1989. Nosso testemunho foi fortalecido ao lermos as mensagens inspiradas da Primeira Presidência e outros artigos da revista.

Tenho dezessete anos, e nunca tinha escrito uma carta a alguém, nem a meus parentes e amigos missionários. Agora estabeleci a meta de escrever a todos eles. Isto prova que a revista tem uma influência positiva sobre mim.

Daniel Castilla Ortiz

Colônia Zaragoza Carlos A. G.

Veracruz, México

ROMPE AS BARREIRAS

Há muito tempo eu desejava saudá-los e agradecer pela magnífica obra que estão fazendo.

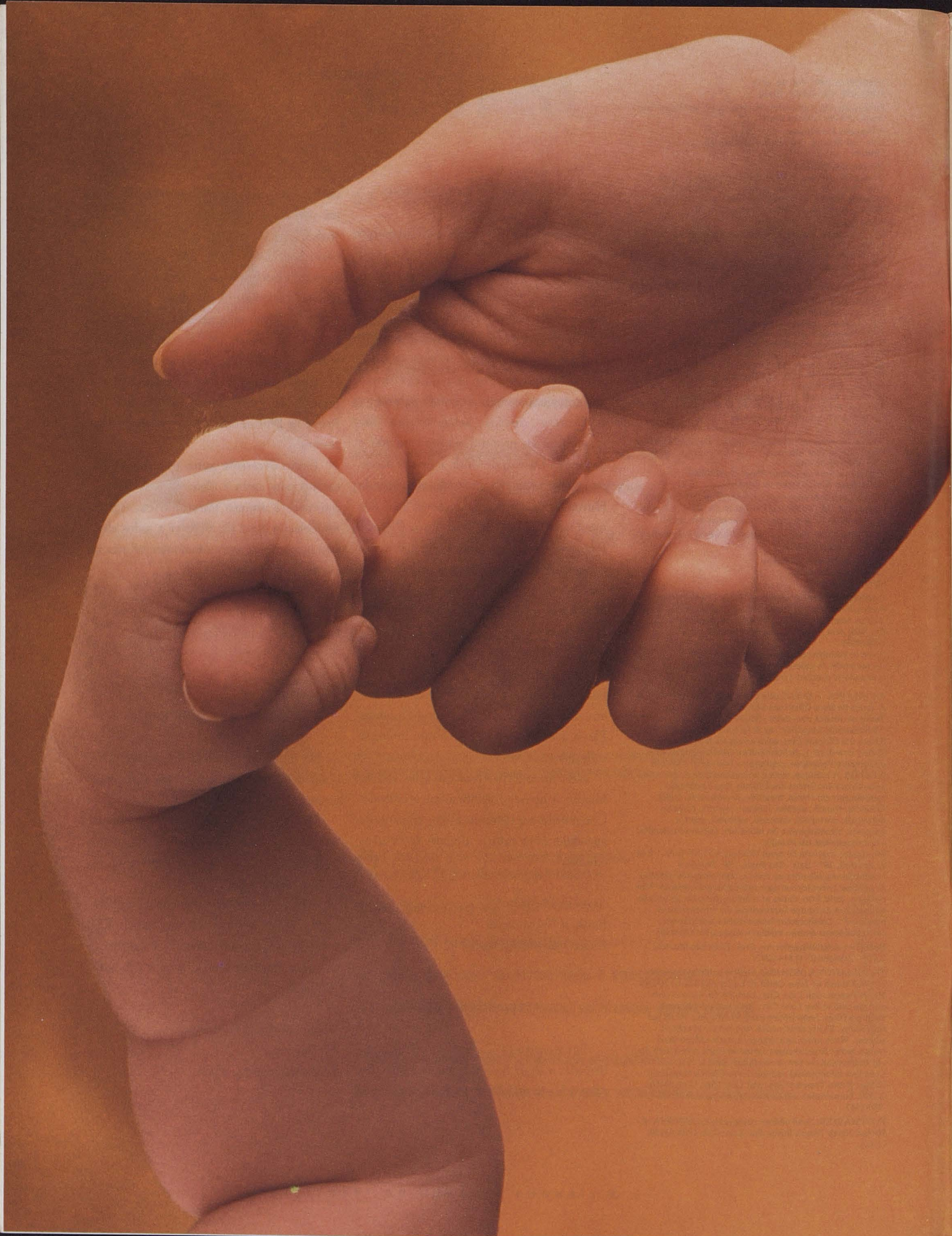
Vivemos no Canadá, mas nosso idioma nativo é o espanhol. Por esta razão aguardamos ansiosamente a chegada da *Liahona* (espanhol).

A *Liahona* fortalece nosso testemunho e ajuda nossa vida de modo geral. Ela rompeu espetacularmente as barreiras e nos uniu aos irmãos no evangelho de todo o mundo.

Mayra Lizbeth Monzon Mora

Ala Burnab

Estaca Vancouver Canadá



Mãos

Presidente Thomas S. Monson

Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

A mão pequenina de um recém-nascido é um milagre. À medida que a criança cresce, ocorrem outros milagres das mãos — de amor, trabalho, serviço, e consolo.

Quando Jesus de Nazaré ensinou e ministrou aos homens, não falou como os escribas e eruditos da época, ao contrário, utilizou uma linguagem compreensível a todos. Jesus ensinou por meio de parábolas. Seus ensinamentos comoveram os homens e os incentivaram a iniciar uma nova vida. O pastor no sopé do monte, o semeador no campo, o pescador com sua rede — tornaram-se temas pelos quais o Mestre ensinou verdades eternas.

O corpo humano, criado divinamente, com seus inúmeros poderes maravilhosos e partes complexas, passou a ter novo significado, quando o Senhor falou de olhos que não eram cegos, mas realmente não enxergavam, de ouvidos que não eram surdos, mas não ouviam, de corações que não eram endurecidos, mas que nada sabiam ou sentiam. Em seus ensinamentos ele se referiu ao pé, ao nariz, à face, ao lado direito, e às costas. Significativas foram as ocasiões em que ele falou de uma outra parte — a mão humana. Considerada



pelos artistas e escultores como o membro do corpo humano mais difícil de se retratar em tela ou modelar em argila, a mão é uma maravilha de se contemplar. Nem a idade, cor, tamanho, ou forma distorce este milagre da criação.

Consideremos, em primeiro lugar, *a mão de uma criança*. Quem, dentre nós, algum dia não louvou a Deus e ficou admirado com os seus poderes, ao segurar uma criancinha nos braços? Aquela mãozinha, tão pequena, porém tão perfeita, imediatamente se torna assunto de uma conversa. Ninguém consegue resistir à tentação de pôr um dedo na mão fechada de um bebê. Um sorriso nos vem aos lábios, um certo brilho nos ilumina os olhos, e então passamos a apreciar os ternos sentimentos que inspiraram o poeta a escrever:

*Um recém-nascido... aquele novo e doce desabrochar da
humanidade, recém-saído da morada divina para florescer
na terra.*

À medida que a criança cresce, a mãozinha firmemente cerrada abre-se, numa manifestação de perfeita confiança. “Mãe, leve-me pela mão; então não temerei”, nos revela sua confiança. A encantadora canção que as crianças entoam tão lindamente, de imediato se torna um pedido de paciência, um convite a ensinar, uma oportunidade de servir:

*Minhas mãos pequeninas eu dobro assim;
A ninguém causam danos e menos a mim;
De manhã ou de tarde em todo o lugar
Com mãozinhas ativas eu sei ajudar.*

*Ao Pai eu dou graças com grande amor,
Por estas mãozinhas que me deu o Senhor;
Eu peço ajuda pra nunca esquecer
Que precisam buscar sempre obedecer.
(Cante Comigo, B-74.)*

Os sentimentos que esse amor e fé inspiram, devem

sempre conseguir de todos os pais um compromisso de lealdade — a determinação de fazer o que é certo.

Se quisermos dar ênfase a esse tema, só precisamos referir-nos ao que Jesus disse quando seus discípulos lhe perguntaram: “Quem é o maior no reino dos céus?”

E Jesus, chamando um menino, o pôs no meio deles,

E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus...

E qualquer que receber em meu nome um menino tal como este, a mim me recebe.

Mas qualquer que escandalizar um destes pequeninos, que crêm em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma mó de azenha, e se submergisse na profundidade do mar” (Mateus 18:1-3, 5-6).

Em segundo lugar, voltemos a atenção para *a mão do jovem*. A juventude é a época de treinamento em que as mãos ocupadas aprendem a trabalhar — a trabalhar para aprender. O esforço honesto e o serviço dedicado se tornam características identificadoras de uma vida abundante. Cada um destes atributos foi eficazmente ensinado às jovens na Organização das Moças, quando elas fizeram biscoitos e os levaram a anciãs que viviam em um asilo da vizinhança. A mão envelhecida de uma solitária avó apertou a de uma gentil adolescente. Nenhuma palavra foi proferida. O coração falou ao coração. A mão que preparou os biscoitos enxugou uma lágrima. Essas mãos são mãos limpas. Esses corações são corações puros.

Chega, então, o dia em que a mão de um rapaz pega na mão de uma jovem, e os pais subitamente se conscientizam de que seus filhos cresceram. Em época alguma a mão de uma jovem é tão delicadamente realçada, como quando em seu dedo brilha um anel significando uma promessa sagrada. Seus passos são mais rápidos, seu semblante mais radiante e tudo está bem com o mundo. Chegou a época do noivado. Depois a do casamento. As duas mãos se apertam

novamente, desta vez em um templo sagrado. Por alguns momentos os problemas do mundo são esquecidos. Os pensamentos se voltam para valores eternos. As mãos unidas falam de corações comprometidos. O céu é aqui.

O tempo passa. A mão da noiva se transforma *em mão de mãe*. Sempre com muita ternura ela cuida de seu precioso filho. Banha, veste, alimenta, consola — não existe mão como a da mãe. Tampouco seu terno carinho diminui com o passar dos anos. Lembrarei eternamente a mão de uma mãe — a mãe de um missionário. Há alguns anos, em um seminário mundial para presidentes de missão, os pais de missionários foram convidados a se reunir e conversar um pouco com cada presidente de missão. Desconhecidos são os nomes de cada um que estendeu a mão em um cumprimento amistoso. Inesquecíveis, porém, foram os sentimentos que tive ao apertar a mão calejada de uma mãe de Star Valley, Wyoming. “Por favor, desculpe a aspereza de minha mão”, disse ela. “Desde que meu marido adoeceu, coube a mim fazer o trabalho da fazenda, para que nosso filho servisse ao Senhor como missionário.” Não pude conter as lágrimas, nem poderiam ser retidas. Essas lágrimas de certo modo purificam a alma. Aquele rapaz continua a ser muito especial tanto para mim, como para ela. O trabalho de uma mãe santificou o serviço de seu filho.

Não podemos nos esquecer da *mão de um pai*. Seja ele um perito cirurgião, um hábil artífice, ou professor talentoso, suas mãos ganham o sustento da família. Há uma dignidade definida no trabalho honesto e infatigável. Na época da Grande Depressão eu era apenas um rapaz. Felizes eram os que tinham um emprego, raros na época, mas que exigiam horas intermináveis de trabalho e eram mal remunerados. Em nossa rua havia um pai que, apesar de idoso, sustentava com trabalho árduo uma família numerosa, que consistia apenas de filhas. Sua firma era conhecida como Companhia de Carvão de Spring Canyon. Ela consistia de um velho caminhão, uma pilha de carvão,

uma pá, um homem e suas mãos. Desde o amanhecer até tarde da noite ele lutava para ganhar o sustento. Apesar disso, na reunião mensal de testemunho lembro especificamente de ele manifestar agradecimento ao Senhor pela família que tinha, por seu trabalho, e seu testemunho. Os dedos dessas mãos eram ásperos, avermelhados, e cheios de rachaduras. Ficaram brancos ao apertarem o encosto do banco onde eu estava sentado, quando o irmão James Farrell prestou testemunho a respeito de um rapaz que, em um bosque perto de Palmyra, Nova York, ajoelhou-se em oração e teve a visão de Deus, o Pai, e de seu Filho, Jesus Cristo. O rapaz era Joseph Smith. A lembrança das mãos dele traz-me à mente a fé inabalável de um pai, sua sincera convicção, e seu testemunho da verdade.

Há alguns anos, o Presidente Harold B. Lee, dirigido por inspiração e revelação, chamou DeWitt J. Paul para ser patriarca de uma das estacas do leste dos Estados Unidos. Esse chamado foi recebido com humildade pelo irmão e irmã Paul. Tiveram dúvidas, e ficaram preocupados. Depois oraram para obter a certeza e a confirmação celestial.

O apoio dos santos demonstrou sua sincera aprovação. Chegou, então o momento da ordenação. Em uma sala do subsolo da capela em que funcionava a sede da estaca, DeWitt J. Paul estava sentado, nervoso, em uma cadeira, e proferiu uma oração silenciosa. Sentada perto da irmã Paul se achava uma querida amiga a quem ela confiou sua preocupação. Esta amiga leal relatou a história incomum e inspiradora que aconteceu em seguida:

“Quando o Élder Lee, de pé atrás do irmão Paul, que estava sentado, levantou as mãos e as impôs sobre a cabeça do irmão Paul, um raio de luz brilhante como o sol, como se viesse de uma janela alta, subitamente pairou sobre a cabeça de Élder Lee.” Ela continuou: “Que rara coincidência o sol começar a brilhar radioso, no exato momento em que o Élder Lee impunha as mãos sobre a cabeça do irmão Paul para pronunciar uma bênção e ordenação! A experiência foi a confirmação de um santo chamado. Percebi, repentinamente, que não



havia janela alguma no subsolo pela qual os raios de sol pudessem entrar.”

A paz substituíra a agitação. A fé sobrepujara a dúvida. Preciosas são as mãos de um profeta.

Finalmente, quero falar a respeito de outra mão — a mão do Senhor. Foi ela quem guiou Moisés, quem fortaleceu Josué — a mão que foi prometida a Jacó quando o Senhor declarou: “Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres porque eu sou teu Deus:... e te sustento com a destra da minha justiça” (Isaías 41:10). Esta foi a mão decidida que expulsou os cambistas do templo. Esta foi a mão amorosa que abençoou os pequeninos. Esta foi a mão forte que abriu os ouvidos do surdo e restaurou a visão ao cego. Por esta mão o leproso foi purificado, o coxo andou — e até mesmo o falecido Lázaro voltou à vida. Com o dedo de sua mão escreveu na areia a mensagem que os ventos apagaram, mas que ficara gravada nos corações sinceros. A mão do carpinteiro. A mão do mestre. A mão de Cristo.

Um homem chamado Pôncio Pilatos lavou as mãos do sangue deste homem chamado o Rei dos Judeus. Oh, fraco e indeciso Pilatos! Podias realmente acreditar que a água poderia lavar tamanha culpa?

*Relembro que Cristo na cruz se deixou pregar,
Pagou minha dívida - posso eu olvidar?
Não! Não! E por isso ao seu trono orarei
A vida e tudo o que tenho eu lhe darei!
("Assombro me Causa", Hinos, nº 62.)*

Lamentada é a mão que peca. Invejada é a mão que pinta. Digna é a mão que constrói. Apreciada é a mão que auxilia. Respeitada a mão que serve. Adorada é a mão que salva — a mão de Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Redentor da humanidade. Com aquela mão ele bate à porta de nosso entendimento. “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa” (Apocalipse 3:20).

Estaremos atentos à sua voz? Abriremos as portas de

nossa vida a sua exaltada presença? Cada um deve responder para si mesmo.

Nesta jornada chamada mortalidade nuvens de desalento podem surgir no horizonte de nosso destino pessoal. O caminho à nossa frente pode ser inconstante, incerto. Talvez perguntemos, como alguém outrora:

“Disse àquele que guardava o portal dos tempos:

*‘Dá-me uma luz para que eu possa caminhar seguramente rumo ao desconhecido.’ E ele respondeu: ‘Adentre as trevas e coloque tua mão na mão de Deus. Isto ser-lhe-á melhor que a luz, e mais seguro que um caminho conhecido.’ ” (M. Louise Haskins, *The Oxford Dictionary of Quotations*, segunda edição, Londres: Oxford University Press, 1953, p. 239.)*

Ao segurarmos na mão de Deus, evitaremos as ciladas da vida e chegaremos seguramente ao nosso lar celestial. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Uma maneira de refletirmos sobre a vida é examinar as mãos:

—A mão de uma criança nos inspira a louvar a Deus, a buscarmos ser dignos da confiança dela, a ensiná-la com paciência.

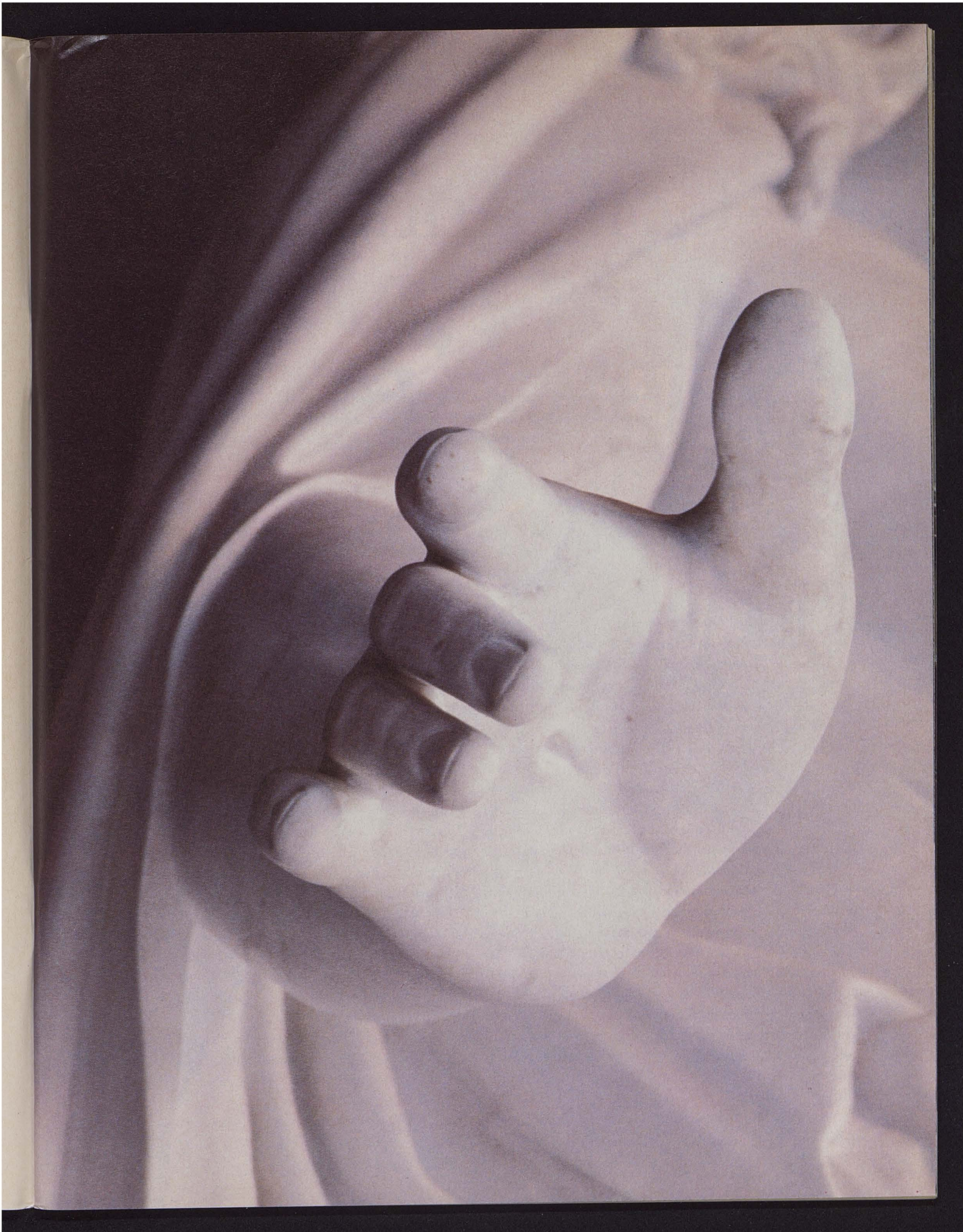
—A mão jovem é ocupada, aprende a trabalhar e a servir preparando-se para unir-se a outra mão no casamento.

—A mão confortadora de uma mãe e seu terno cuidado parece jamais diminuir com o passar dos anos.

—A mão de um pai reflete a dignidade do trabalho honesto e incansável.

2. O Presidente Monson afirma que há ainda outra mão que pode nos guiar, abençoar e proteger — a mão do Senhor.

3. A maior paz e a maior bênção são recebidas quando deixamos nossas mãos na mão de Deus e confiamos em seus ensinamentos e em seu poder.



Companheiros

Zola Whiting

A amizade que nasceu entre Ty, um jogador de futebol da escola secundária, e meu filho de sete anos, Weslon, seria muito importante para os dois.

“Puxa! Você viu aquilo?” exclamou meu filho de sete anos de idade, Weslon, entusiasmado ao ver os jogadores de futebol em ação. E depois manifestou um desejo em voz alta: “Como eu gostaria de conhecer alguns dos jogadores da equipe!”

Vamos freqüentemente aos jogos de futebol do Colégio Round Valley, em Eager, Arizona. Além de Weslon, meu marido e eu passamos a gostar daquele esporte por causa de Mitzi, nossa filha, que ali estudava. À medida que continuou a temporada, os atletas se tornaram cada vez mais notáveis na imaginação fértil de Weslon.

Vencendo minha timidez, decidi ajudar este menino tímido e sonhador a conhecer alguns de seus heróis. “Vamos falar com alguns jogadores da equipe”, disse-lhe depois do jogo. Levei-o então para o campo, em meio à multidão. Aproximamo-nos de um dos heróis e procuramos congratulá-lo. O jovem passou por nós sem dar atenção, pensando somente em si e em duas jovens tagarelas que cortaram a nossa frente para chegar até ele. O jogador seguinte resmungou “obrigado” sem ao menos parar, quando lhe disse: “excelente jogo” e tentei dizer-lhe o quanto meu filho o admirava.

Aproximamo-nos relutantemente do último deles.

Workman parou, deu um grande sorriso, e disse: “Muito obrigado!”

Incentivada por sua resposta, comecei a falar-lhe da admiração de Weslon. Os cabelos negros e o rosto simpático de Ty gotejavam de suor, devido ao esforço no jogo, enquanto me ouvia. Ele estendeu a mão para apertar a de Weslon, e disse: “Obrigado, companheiro. Qual é o seu nome?”

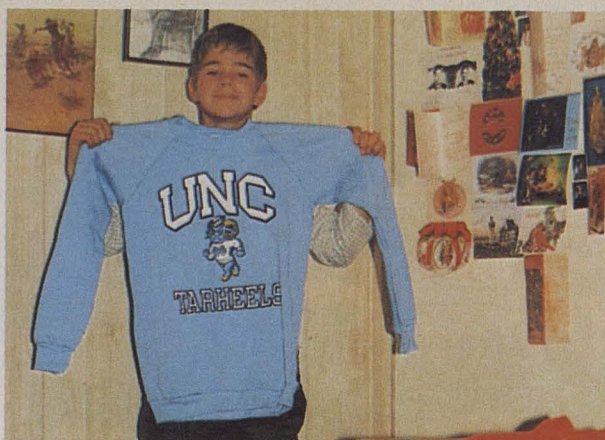
Meu filho respondeu, timidamente: “Weslon”, e acanhado, ficou olhando para o chão.

Disse a Ty: “Weslon gosta da maneira como você joga.” O rapaz sorriu para ele e disse: “Muitíssimo obrigado. Foi realmente um prazer conhecê-lo, Weslon, meu companheiro.”

Mitzi foi à aula no dia seguinte e disse a Ty: “Meu irmãozinho acha que você é uma pessoa muito especial.” Daquele dia em diante ela serviu de mensageira entre Ty e Weslon. Logo os dois se tornaram verdadeiros companheiros. Após cada jogo de futebol eles podiam ser vistos juntos, Ty com o braço ao redor de Weslon, conversando a respeito do jogo. Assistimos a todos os jogos, mesmo os realizados fora da cidade.

Quando conhecemos melhor Ty, descobrimos que ele era admirado pelos jovens e pelos adultos. Ele não bebia, não fumava nem tomava drogas, e tinha elevados





padrões morais. Incentivou Weslon a evitar coisas prejudiciais à saúde, e freqüentemente repetia: “Fique perto do Senhor.”

Algumas semanas depois que começou esta amizade, Mitzi chegou da escola trazendo notícias desalentadoras. Seu rosto mostrava um ar de incredulidade, e disse: “A notícia que tenho é muito triste. Ty está com esclerose múltipla. Dizem que ele não vai viver mais que um ano.” O rosto de Weslon se entristeceu quando lhe dissemos o que era aquela doença. Um pesado silêncio nos envolveu ao nos conscientizarmos de quão grave era a enfermidade de Ty.

Nos meses seguintes Ty sofreu diversas crises, exigindo hospitalização. Ele perdeu peso, mas esforçou-se muito para dar o melhor de si no campo de futebol. Ty, juntamente com Mitzi, também pertencia ao grupo de dança e canto da escola. Ty participou de muitos ensaios e apresentações difíceis entre as hospitalizações.

Certo dia, tarde da noite, recebemos um telefonema do pai dele: “Ty está muito mal. Acho que ajudaria muito se Weslon fosse visitá-lo amanhã no hospital. Ele está cego e paralisado da cintura para baixo.”

Após o telefonema, Weslon fechou-se em seu quarto. Mais tarde ele saiu com os olhos verdes cheios de lágrimas, e disse: “Fiz uma oração pelo Ty.”

Na manhã seguinte fomos ao hospital, levando presentes comprados com as economias de Weslon. Ty

recebeu Weslon com um alegre: “Oi, companheiro! O que está fazendo? Não posso enxergar muito bem; para mim vocês são como sombras.”

“Compramos algumas coisas para você, Ty”, disse eu, procurando fazer com que não notasse o receio em minha voz.

“Muito obrigado”, respondeu Ty, com os olhos negros voltados em nossa direção, mas sem fixá-los em ninguém. Durante a visita minhas palavras foram de coragem, mas meu coração padecia ao ver os dois companheiros conversando.

Ficamos admirados quando o hospital deu alta a Ty alguns dias depois. Ele foi para casa enxergando bem e com a impressão de que o movimento das pernas estava voltando. Logo ele retornou à escola.

Nossa família conviveu muito com Ty nos meses seguintes. O bom humor e a amizade nos animaram muito nas visitas que lhe fizemos. Ele conversava com Weslon sobre os mais diversos assuntos, sempre dando ênfase a seu slogan: “Fique perto do Senhor.”

Logo depois do Natal, Ty foi levado a um hospital na cidade de Phoenix, Arizona, para tratamento. Quando lá se encontrava, ele entrou em coma. No momento em que decidíamos se deveríamos levar Weslon na longa viagem a Phoenix, porque os médicos não davam esperança de vida a Ty, recebemos um telefonema. Ele havia saído do coma!

Mesmo do campo se preparar para a missão.
missionário, Ty continuou a Em cada uma delas ele
se comunicar com Weslon enviava uma moeda ou
por cartas que duas para o fundo
incentivavam o menino a missionário de Weslon.

Depois da alta do hospital, os pais de Ty levaram-no a um especialista na Califórnia. Após muitos exames, os médicos atestaram que ele não tinha esclerose múltipla. Inúmeros outros testes diagnosticaram que ele sofria de um vírus que atacava o sistema nervoso nas ocasiões de stress ou fadiga. Ficamos aliviados com as notícias. Ty ainda era um rapaz doente, mas agora sabia como evitar as crises que o enfraqueciam e, o melhor de tudo, a possibilidade de uma morte prematura fora afastada.

Apesar das faltas às aulas, Ty se saiu bem a ponto de formar-se com seus colegas em maio. Durante as férias Ty tinha um emprego e treinava para o campeonato de escolas secundárias do Arizona. Ele foi um dos quatro rapazes da nossa região, escolhidos para jogar na equipe estadual. Weslon foi convidado a assistir aos treinos, e fizemos uma longa viagem a Prescott, Arizona, para o jogo final. Por causa da enfermidade, Ty era o jogador de menor peso no campo, mas seu esforço ajudou a levar sua equipe à vitória.

Após a partida, ele saiu correndo do campo, coberto de suor, mas trazendo nos lábios aquele sorriso jovial. Ty pegou seu companheiro nos braços, e conversaram sobre o jogo, enquanto eu os fotografava. Ele disse a Weslon: "Não saia daqui. Tenho que ir buscar uma coisa." Pouco depois ele voltou, apressado, trazendo na mão um boné que ganhara por ter participado do jogo.

Obrigado por ter vindo assistir à partida, companheiro."

Ty tem sido uma inspiração para muitas pessoas. Ele recebeu o primeiro "Troféu Ty Workman" na Escola Secundária de Round Valley. Agora, este prêmio é concedido anualmente a um aluno que tenha vencido a adversidade.

Em dezembro de 1987, Ty foi chamado para a Missão Carolina do Norte Charlotte. Em seu discurso ele disse: "Tenho um amiguinho aqui que é realmente meu amigo. É Weslon Whiting." Foi uma reunião emocionante para todos nós.

Ty cumpriu uma missão honrosa, e continuou a lembrar-se de seu companheiro, escrevendo cartas com o mesmo espírito com que costumava conversar com Weslon. Em vez de pensar na alegria que trouxera a um menininho, ele inverte a situação. Por exemplo, uma frase que sempre terei na lembrança: "Weslon", escreveu ele, "você tem-me ajudado muito durante minha vida, mais do que pode imaginar." Em cada carta ele mandava a seu companheiro uma moeda ou duas para o fundo missionário de Weslon.

Três anos se passaram desde que não se esperava que Ty vivesse. Agradeço a este extraordinário rapaz por dar-me fé numa geração mais jovem. Acima de tudo, sou grata a ele por proporcionar a meu filho o radiante exemplo de um verdadeiro herói.



Promessas Pascais Cumpridas na Última Ceia

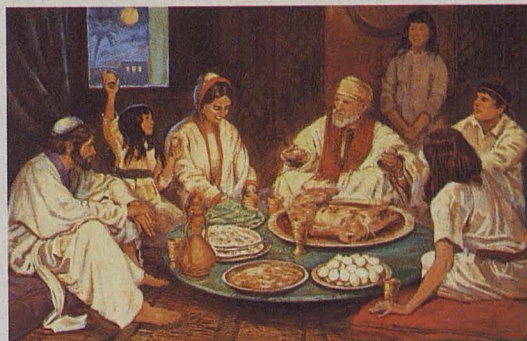


ILUSTRAÇÃO DE ROBERT T. BARRETT

Terry W. Treseder

A última ceia de nosso Senhor, na mortalidade, destaca-se na história do evangelho como o início de eventos grandiosos, que levaram todos os seres humanos — vivos, mortos e ainda por nascer — a depender de Jesus, o Messias, para alcançar imortalidade e exaltação. A época deste acontecimento significativo foi da escolha do Mestre dos mestres.

A Última Ceia não foi significativa apenas como um novo sacramento. Foi também o cumprimento de mil anos de repetidas promessas, pelas quais o povo orava todos os anos, durante as cerimônias pascais, desde a época da peregrinação de Israel no deserto. Quanto mais entendermos e apreciarmos os serviços pascais observados pelos judeus na época de Jesus, mais profundamente poderemos entender nossos convênios sacramentais, e mais uma vez nos maravilhar com o infinito amor e paciência de nosso Irmão, o Senhor Jesus Cristo.

Como Deus do Velho Testamento, Jeová ordenou especificamente a seus filhos recém-libertados, que se lembrassem de seu livramento do cativeiro no Egito:

“Guardai pois a festa dos pães asmos, porque naquele mesmo dia tirei vossos exércitos da terra do Egito: pelo que guardareis este dia nas vossas gerações por estatuto perpétuo.

E acontecerá que, quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este vosso?

Então direis: Este é o sacrifício da Páscoa ao Senhor, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios, e livrou as nossas casas.” (Éxodo 12:17, 26, 27.)

Ao instituir o culto da Páscoa, o Senhor deu a seus filhos idólatras a possibilidade de se tornarem uma nação mais preparada para seu rei espiritual.

A Páscoa comemorava a libertação de Israel do cativeiro do Egito. Por intermédio do profeta Moisés, o Senhor demonstrou seu poder, com uma série de pragas. Em preparação para a última praga, a horrível morte dos primogênitos da casa do Egito, o Senhor ordenou que cada família israelita oferecesse em sacrifício um cordeiro perfeito e imaculado:

“Então tomai um molho de hissopo, e molhai-o no



Como os filhos de Israel, também nós podemos ser salvos do destruidor por intermédio do sangue do Cordeiro, se assinalarmos apenas "as vergas e ombreiras" de nossa vida pelo arrependimento.

sangue que estiver na bacia, e lançai na verga da porta, e em ambas as ombreiras, do sangue que estiver na bacia; porém nenhum de vós saia da porta da sua casa até à manhã.

Porque o Senhor passará para ferir aos egípcios, porém quando vir o sangue na verga da porta, e em ambas as ombreiras, o Senhor passará aquela porta, e não deixará ao destruidor entrar em vossas casas para vos ferir." (Êxodo 12:22-23.)

Na noite da libertação, as famílias israelitas banquetearam-se com o cordeiro do sacrifício e pães asmos, pois não tinham tempo, em sua apressada fuga, para esperar que o pão levedado crescesse. (Vide Êxodo 12:39.)

Durante os três mil anos de história da cerimônia da Páscoa, ela pouco mudou. Os símbolos básicos presentes no serviço pascal bíblico permanecem até hoje, e a ordem do serviço e o significado do alimento simbólico são os mesmos. Somente foram acrescentadas partes faladas para as crianças, no Hagadá (texto da Páscoa), para que elas aprendam a respeito do Êxodo; também, outros alimentos simbólicos foram incluídos no prato de

Seder, após a destruição do templo de Jerusalém. Podemos refletir sobre a Última Ceia, à luz desta tradição pascal, tendo em mente que o próprio Senhor estabeleceu essa observância sagrada; cumpriu-a mais tarde e restabeleceu-a como o sacramento.

UMA CASA LIMPA

No primeiro dia da Páscoa, o Senhor enviou dois de seus discípulos à procura de um local, que deveria ser preparado, e onde ele e seus discípulos celebrariam a Páscoa. (Vide Marcos 14:12-15.)

Os dois discípulos enviados a preparar o *Seder* foram guiados a um cenáculo. Lá chegando, eles provavelmente inspecionaram o aposento para se certificarem de que estava meticulosamente limpo. Hoje também, ao aproximar-se a véspera da Páscoa, a limpeza da casa faz parte do costume religioso dos fiéis hebreus.

O Salvador levou esta tradição à casa de seu Pai, o templo. Ele começou seu ministério público durante a celebração da Páscoa purificando o templo, expulsando os cambistas e ladrões. (Vide João 2:15.) Ele encerrou seu ministério de idêntica maneira. Após a entrada triunfal em Jerusalém, em meio a exultantes aclamações das multidões na Páscoa, novamente purificou o templo de atividades profanas. (Vide Mateus 21:12.) Nas duas ocasiões chamou as multidões espiritualmente famintas ao santuário agora limpo e curou o enfermo, pregou o evangelho de amor, e profetizou sobre sua morte, ressurreição e segunda vinda.

O CORDEIRO DO SACRIFÍCIO

Marcos registra que "no primeiro dia dos pães asmos... sacrificavam a páscoa". (Marcos 14:12.) Na tarde do primeiro dia da Páscoa, o membro mais antigo da família, como de costume, levava um cordeiro sem mancha ao templo como oferta. O cordeiro era sacrificado por um sacerdote, que depois o devolvia para a ceia pascal. Para que a carne fosse adequada ao *Seder*, o sacerdote tinha que sacrificar o animal no templo.

Este requisito nos ajuda a explicar por que os historiadores registraram a presença de multidões durante a semana da Páscoa. (Flávio Josefo, historiador judeu contemporâneo, registrou que 256.500 pessoas

"CRISTO PURIFICA O TEMPLO", DE CARL HEINRICH BLOCH, ORIGINAL NA CAPELA DO CASTELO DE FREDERIKSBORG, DINAMARCA. USADO COM PERMISSÃO DO MUSEU DE FREDERIKSBORG.



participaram de uma única Páscoa.) Movidas pela tradição e crença religiosa, essas multidões vinham a Jerusalém, onde sacrificavam seus cordeiros no templo. De acordo com a lei, estes cordeiros deviam ser mortos dentro de duas horas (aproximadamente das 3 às 5 horas da tarde). Era possível fazer isso devido ao costume de realizar esses sacrifícios em dois dias consecutivos.

Se o Salvador celebrou a ceia pascal no primeiro destes dois dias (o que parece ser o caso, de acordo com o relato de Marcos), então no dia seguinte, o de sua crucificação, o Senhor morreu na cruz enquanto os

cordeiros pascais estavam sendo sacrificados no templo.

A identificação do Salvador com o cordeiro do sacrifício se acha presente em muitas partes das escrituras, antigas e modernas. Isaías profetizou: "Como um cordeiro foi levado ao matadouro." (Isaías 53:7.)

Pedro proclamou: "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis... mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e incontaminado. O qual, na verdade, em outro tempo foi conhecido, ainda antes da fundação do mundo." (I Pedro 1:18-20.)



ILUSTRAÇÃO DE WILLIAM HENRY WARGETSON

Mórmon exclamou: “Voltai, portanto, ó descrentes! Retornai ao Senhor! Clamai ferventemente ao Pai, em nome de Jesus, para que talvez possais ser achados sem manchas, puros, formosos e brancos naquele grande e último dia, tendo sido limpos pelo sangue do Cordeiro.” (Mórmon 9:6.)

Somente o Messias imaculado e sem pecado poderia redimir-nos dos pecados e aplacar as severas exigências da justiça. Como os filhos de Israel, também nós podemos ser salvos do destruidor por intermédio do sangue do Cordeiro, se apenas assinalarmos as “vergas e ombreiras” de nossa vida pelo arrependimento.

O FRUTO DA VIDE

O fruto da vide — o vinho ou suco de uvas - se prestava a dois propósitos distintos durante a antiga celebração do *Seder*. O mesmo acontece atualmente. A primeira taça representa o júbilo pela liberdade conquistada. De acordo com o Hagadá, é pronunciada uma bênção sobre o vinho ou suco de uvas:

“Bem-aventurado és tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que criaste e produziste o vinho. Bem-aventurado és tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo que nos santificaste com os teus mandamentos. E tu nos deste, ó Senhor Deus, com amor... a Festa do

Matzot (pães asmos), a época de nossa liberdade... e nos deste por herança teus tempos santos de regozijo e alegria.”

O Messias não abençoou esta primeira taça da maneira tradicional. Em vez disso: “tomando o cálix, e havendo dado graças, disse: Tomai-o, e reparti-o entre vós;

Porque vos digo que já não beberei do fruto da vide, até que venha o reino de Deus.” (Lucas 22:17-18.)

Não haveria júbilo para o Salvador enquanto sua missão terrena não fosse completada, até que ele voltasse como um ser glorificado e ressurreto que venceu todas as coisas em favor de seus irmãos cativos pelo pecado.

OS PÃES ASMOS

Como parte da preparação pascal, o cenáculo teria de ser limpo de todo fermento. Na casa toda não poderia haver nenhum produto que tivesse fermento.

A participação dos pães asmos, ou *matza*, tem sido sempre uma característica distinta da Páscoa. Na verdade, as escrituras geralmente a chamam de “Festa dos Pães Asmos”. (Vide Êxodo 12:17; Mateus 26:17.) Hoje, como outrora, os membros da família examinam a casa inteira na véspera do *Seder*, procurando crostas de pão ou garrafas de bebidas fermentadas. Os produtos contendo fermento são então retirados da casa e queimados. Por uma semana só se pode comer o *matza*.

O Senhor considerava importante esta parte da Páscoa, pois ordenou estritamente que:

“Por sete dias... nenhuma cousa levedada comereis; em todas as vossas habitações comereis pães asmos.” (Êxodo 12:19-20.)

Paulo comentou o significado do fermento na Páscoa: “Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa?

Alimpai-vos pois do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós.

Pelo que façamos festa, não com fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os asmos da sinceridade e da verdade.” (I Coríntios 5:6-8.)

Ao instituir o sacramento, o Senhor partiu pão levedado ou asmo? Nos manuscritos gregos, a palavra



ILUSTRAÇÃO DE ROBERT T. BARRETT

A identificação do Salvador com o cordeiro do sacrifício está presente em muitas partes das escrituras, antigas e modernas. Isaías profetizou: “Como um cordeiro foi levado ao matadouro.”

azumos é usada referindo-se à Festa dos Pães Asmos, e a palavra *artos* para descrever o tipo de pão utilizado na Última Ceia. O uso de qualquer um deles estaria de acordo com o estilo de ensinar do Mestre, que usava a forma tradicional hebraica acompanhada da inovação simbólica. Se ele tivesse partido o *matza*, teria cumprido o ritual da páscoa, dando ao *matza* um novo significado. Tivesse ele partido um pedaço de pão fresco levedado, teria ilustrado dramaticamente o novo fermento da salvação que ele apresentou ao mundo:

“Outra parábola lhes disse: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher toma e introduz em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado.” (Mateus 13:33.)

Assim como o pão representava Cristo e seu sacrifício expiatório, seus discípulos deviam propagar a mensagem de salvação e agir como agentes fermentadores, tendo eles mesmos sido autorizados pelo novo fermento do evangelho.

Como ele faz hoje, após lavar as mãos, o líder do *Seder* antigamente agradecia a Deus, abençoava o *matza*, e o passava aos outros para que o comessem. O *matza* era o símbolo da liberdade, tendo os israelitas partido do Egito tão apressadamente que o pão não poderia crescer normalmente.

O Senhor acrescentou novo significado ao pão

simbólico, quando, “tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-lho, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.” (Lucas 22:19.)

O pão ainda representa a liberdade — libertação da morte e do pecado — mas também simboliza o meio pelo qual essa liberdade é conquistada. Do mesmo modo, quando comemos o pão sacramental, estamos simbolicamente fazendo com que o Salvador seja parte de nós, de nossa vida. Jesus é o pão da nossa vida, o único meio de redenção. Durante seu ministério terreno Jesus muitas vezes se referiu a si mesmo como sendo o pão da vida. (Vide João 6:47-51.)

NOVAMENTE, O FRUTO DA VIDE

No *Seder*, quando todos comeram um pedaço do *matza*, o líder tradicionalmente conta a história do Êxodo, interrompendo por quatro vezes sua narrativa para abençoar o fruto da vide e orar pelo cumprimento das promessas divinas:

“Salva-nos, ó Senhor, nós te rogamos. Rogamos-te, ó Senhor, faze-nos prosperar... que o Todo-Misericordioso nos torne dignos de ver os dias do Messias, e a vida do mundo vindouro. ‘Ele é a torre de salvação do seu Rei, e usa de benignidade com o seu ungido, com Davi, e com a sua semente para sempre.’ Ele que faz reinar a paz nas suas alturas, que possa dar paz a todos nós e a toda Israel. E dizemos, amém!” (Hagadá.)

O Senhor novamente se afastou da tradição acrescentando o significado do vinho ou suco de uvas: “Este cálix é o Novo Testamento no meu sangue, que é derramado por vós.” (Lucas 22:20.)

As promessas foram cumpridas naquela noite pelo derramamento do sangue do Filho de Deus. O suco não mais representava promessas futuras, mas promessas fielmente guardadas.

ERVAS AMARGAS

“E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães asmos; com ervas amargas a comerão.” (Êxodo 12:8.)

Neste ponto do culto pascal era costume comer ervas

amargas, como a armorácia (raiz forte) ou cebolinha-verde, representando a amargura do cativo. Muitas vezes no *matza* são comidas ervas amassadas (marror) junto com *haroset* (uma mistura de maçãs, nozes e molho temperado). O *haroset* representa a argamassa que os israelitas usavam para fazer tijolos.

Embora as escrituras não mencionem especificamente esta tradição, Jesus provavelmente seguiu este padrão há muito estabelecido. É importante notar que, na época em que Jesus e seus discípulos estavam comendo esta parte desagradável da refeição — imediatamente após a bênção do suco — Jesus ficou muito “atribulado em espírito”. Enquanto comiam, o Salvador testemunhou: “Mas eis que a mão do que me trai está comigo à mesa.” (Lucas 22:21.)

O Senhor lavou os pés de Judas Iscariotes tão afetuosamente como o fizera com os demais apóstolos. Ele havia oferecido a Judas os emblemas da vida eterna, um supremo dom de amor. Sabendo que este apóstolo comeria para sua própria condenação, o Senhor não pôde deixar de sentir profunda tristeza ao imaginar a perda e traição de alguém que ele amava.

ÁGUA SALGADA

Complementando as ervas amargas havia pratos com água salgada, na qual os comensais mergulhavam as ervas verdes (*karpas*) como a alface ou talos de cebola. A água salgada representava as lágrimas do cativo.

Podemos encontrar apenas uma sugestão de que Jesus e seus discípulos seguiram este costume. Quando Jesus declarou que havia um traidor entre eles, seus discípulos começaram a perguntar quem poderia ser o culpado. “E eles, entristecendo-se muito, começaram cada um a dizer-lhe: Porventura sou eu, Senhor?”

E ele, respondendo, disse: O que mete comigo a mão no prato, esse me há de trair.” (Mateus 26:22-23.)

A amargura e lágrimas do cativo espiritual, em contraste com a jubilosa alegria da liberdade, não poderia ser melhor ilustrada.

Os que escolhem seguir ao Salvador participam do júbilo e redenção que só podem obter pelo sacrifício expiatório do Senhor, representado pelo fruto da vide e

pelo pão da vida. Os que rejeitam ao Senhor participam da miséria e do cativeiro espiritual, simbolizado pelas ervas amargas e pela água salgada.

NARRATIVA NA REFEIÇÃO

Após a refeição simbólica do Êxodo, Jesus e seus discípulos devem ter começado a participar de um banquete, que antigamente incluía o cordeiro do sacrifício. Após a destruição do templo em Jerusalém, contudo, as famílias judaicas se abstiveram de comer a carne assada, para evitar o sacrilégio de comer carne imunda (que não podia ser preparada no templo). Um osso de pernil assado foi acrescentado ao prato do *Seder*, simbolizando o cordeiro pascal.

Neste momento, no *Seder*, o líder da páscoa comenta o tema da libertação. (Os rabinos modernos geralmente citam provérbios rabínicos ou discutem eventos históricos, como o holocausto, a perseguição russa infligida aos judeus, ou o Estado de Israel.) João registrou o mais significativo discurso pascal da história da humanidade, que começou logo após o banquete. (Vide João 13-17.)

O Senhor precedeu sua narrativa lavando os pés de seus apóstolos, que era um sinal de respeito que o anfitrião dispensava aos convidados mais estimados. Deste modo o Salvador exemplificou ternamente as elevadas virtudes de um Mestre que serviu, de um Mestre que amou. (Vide João 13:12-15.)

Logo após este gesto de amor, o Senhor manifestou durante o restante da noite a afeição que tinha por seus apóstolos admoestando-os a seguirem o seu exemplo:

“Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor.

O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.” (João 15:9, 12.)

O Salvador enfatizou a mensagem de amor, predisse as circunstâncias de sua própria morte, consolou os apóstolos com a certeza de que ele voltaria, explicou o papel do Espírito Santo, e ofereceu uma oração intercessória a Deus em favor dos “seus, que estavam no mundo”. (João 13:1.)

Estas mensagens devem permear nossos pensamentos ao refletirmos sobre o Salvador durante a oração sacramental.

HINO DE LIBERDADE

“E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras.” (Marcos 14:26.)

O serviço do *Seder* tradicionalmente termina com cânticos de louvor e libertação.

Que hino cantou o Salvador a caminho do Getsêmani? As escrituras não nos revelam. Nas grandes comemorações, Israel cantava o *Hallel*, nome dado aos Salmos 113-118. Também pode ter sido o Salmo 136, conhecido como o “grande *Hallel*”. Durante a Páscoa, nos círculos familiares e no templo estes salmos são recitados. São hinos de louvor e ação de graças pelo poder e libertação do Senhor. O Salmo 118 é um hino messiânico que reflete o que o Salvador fez pela humanidade redimindo-a da morte física e espiritual. O Salmo 116 também fala da libertação da morte.

Desde aquela época centenas de hinos pascais foram compostos e cantados — alguns bíblicos, outros rabínicos, e outros ainda escritos por salmistas modernos. Durante a época da Páscoa milhões de famílias judaicas cantarão um destes hinos:

*Portanto, regozijemos
Com a maravilha da nossa libertação
Do cativeiro à liberdade,
Da agonia ao júbilo,
Da lamentação à festividade,
Das trevas à luz,
Antes que Deus nos permita cantar um novo cântico eternamente.* □*

Terry W. Treseder é membro da Ala 2 de Crystal Heights, Estaca de Highland, Cidade do Lago Salgado (Utah). É formado em Estudos do Oriente Médio pela Universidade Brigham Young, Provo, Utah.

* N.T. Tradução livre

PECADOS

Perdoados mas Não Esquecidos

Heather O'Brien

Após anos de inatividade, certo dia meu pai anunciou, de repente, que íamos voltar para a igreja. A notícia foi recebida com certo protesto da minha parte. Durante toda minha infância conhecia a Igreja Mórmon apenas vagamente, mas tinha o conhecimento básico de que nela havia normas contra tudo o que eu estava fazendo. Considerava a religião como uma organização fanática que exigia a completa abnegação, algo que meus amigos e eu não compreendíamos, mas condenávamos inteiramente. Além do mais, que diriam eles se descobrissem?

Por fim, meu pai e eu concordamos que eu tentaria ir à igreja apenas por algum tempo, e depois, se decidisse não freqüentar mais, ele não me forçaria a fazê-lo. Durante a reunião sacramental e Escola Dominical fiquei sentada como se fosse surda. Depois veio a reunião das Moças. Achei um lugar no canto da sala de aulas, cruzei os braços e assisti a tudo, revoltada. (Mais tarde soube que assustei minha consultora o quanto pretendia.) Quando terminou aquele domingo, declarei que nunca mais voltaria! Para não ter de ir nos domingos seguintes, fingi todos os tipos de doenças, do resfriado à amigdalite.

Embora por algum tempo me recusasse a admitir, senti uma coisa diferente naquele primeiro domingo que voltamos à igreja. Algo emanava da consultora, que realmente parecia importar-se com esta nova e estranha jovem em sua classe. Senti algo também, da parte de uma

colega de escola SUD que se interessou pelo meu bem-estar espiritual. Daquele dia em diante, cada vez que eu fazia alguma coisa errada ela me lembrava de que algum Deus obscuro estava vendo cada uma de minhas ações. De alguma forma ela me convenceu a continuar a ir à igreja.

Então conheci o bispo, um robusto fazendeiro que parecia por demais gentil para sua estatura amedrontadora. Na primeira entrevista pediu-me que orasse, o que recusei. Eu sabia orar, mas não podia, por acreditar que Deus não ouviria uma pecadora. O bispo pareceu compreender, embora eu não imaginasse como pudesse, pois tinha a certeza de que ele nunca pecara. Ele, porém, não me condenou. Parecia atribuir a mim o mesmo valor que atribuía a todos os outros "santos" da ala. Sentindo-me aceita, continuei a freqüentar as reuniões.

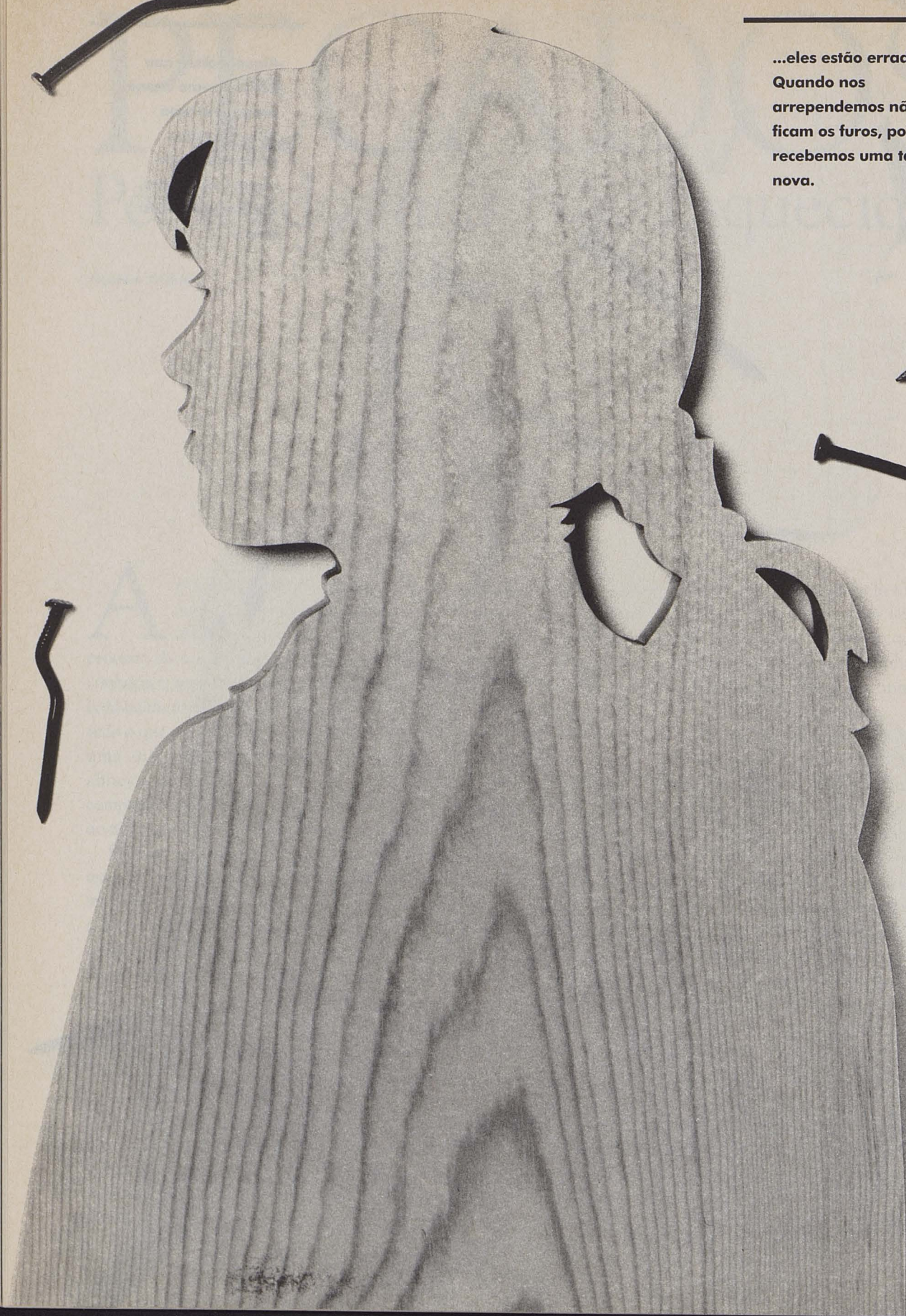
Os meses seguintes foram preenchidos com algo que jamais senti. Conscientizei-me de que era o Espírito do Senhor procurando dizer-me que tudo o que eu estava ouvindo e sentindo era verdadeiro. Não creio que tivesse um testemunho naquela época. Sabia apenas que gostava de minha colega de escola e de suas idéias engraçadas. Gostava da consultora das Moças porque ela me amava. Amava o bispo porque ele não me condenava. Apreciava o que sentia ao estar com eles e queria que aquele sentimento se perpetuasse em minha vida.

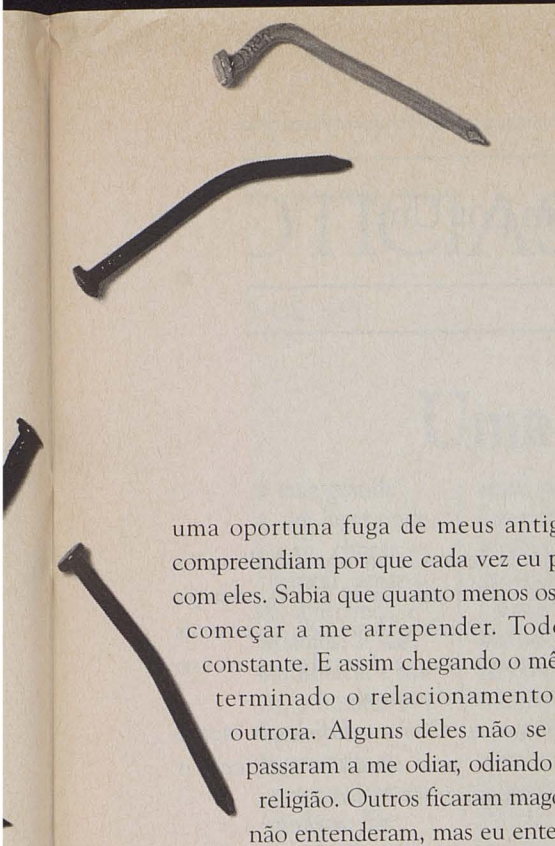
Fiquei feliz pelo término do ano letivo. As férias foram

Alguém disse que
pecar é como cravar
pregos em uma
tábua, e que o
arrependimento
remove os pregos,
deixando os furos.
Mas...



...eles estão errados.
Quando nos
arrependemos não
ficam os furos, pois
recebemos uma tábu
nova.





uma oportuna fuga de meus antigos amigos que não compreendiam por que cada vez eu passava menos tempo com eles. Sabia que quanto menos os visse, mais fácil seria começar a me arrepender. Todo dia era uma luta constante. E assim chegando o mês de agosto, eu havia terminado o relacionamento com os amigos de outrora. Alguns deles não se importaram. Outros passaram a me odiar, odiando também minha nova religião. Outros ficaram magoados e simplesmente não entenderam, mas eu entendia, e sabia que dali em diante eu seria sempre diferente.

Apeguei-me firmemente ao evangelho. Esforcei-me o quanto pude para equiparar meu conhecimento ao de meus amigos que tinham sido criados na Igreja. Muitos deles achavam que eu queria ser mais digna que os outros. Acho que lhes dei essa impressão, mas eu procurava ser perfeita porque estava convencida de que nunca me livraria de meus pecados. Pensei que, sabendo todas as respostas na igreja e recebendo diplomas do seminário, poderia compensar todas as faltas que praticara. Lembrou-me de que na época julguei que nunca me libertaria de um passado vergonhoso. Aceitei aquela idéia e resolvi ser perfeita para compensar.

Um dos passos mais difíceis de meu arrependimento (pelo menos para mim) foi perdoar a mim mesma. Durante quatro anos me esforcei para isso. Todos me consideravam muito espiritual e conhecedora das escrituras. Alguns me elogiaram pelo progresso alcançado e o trabalho que estava prestando, mas só eu sabia o peso da culpa que tinha no coração. Havia abandonado os pecados do passado e estava certa de que Deus se agradava de minha nova vida. Nada me demovia, porém, da idéia de que o peso da culpa se achava sobre a minha cabeça, prestes a me esmagar.

Em desespero e confusão, pedi uma bênção. Não encontro palavras para exprimir a paz que envolveu meu coração ao ter esta revelação pessoal: eu receberia a certeza do Espírito Santo e saberia que o Pai Celestial me aceitava e estava contente comigo.

Como seria possível? Minha mente não entendia, mas meu coração a aceitava, por isso acreditei.

Foi somente quando li um livro de Jeffrey R. Holland, então presidente da Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, que encontrei uma explicação que pude entender. Em *However Long and Hard the Way* (N.do T. Embora o Caminho Seja Longo e Árduo), ele apresenta a analogia da vida como sendo uma tábua. Cada vez que pecamos, cravamos um prego nela. Infelizmente, muitos pensam que quando nos arrependemos os pregos são removidos, mas os furos permanecem. Tal não acontece, porém, afirmou, pois após o arrependimento somos uma tábua inteiramente nova. Achei maravilhosa esta analogia, após conscientizar-me de que os únicos orifícios que permanecem, foram os feitos nas mãos e pés de Cristo. Seu sacrifício foi completo.

É fundamental saber que o Senhor prometeu que não se lembrará dos pecados cometidos. (Vide D&C 58:42.) É impossível mudar de vida, se acreditar que nunca se libertará da iniquidade. É essencial saber que ele realmente nos purifica novamente.

Ainda assim eu refletia por que não conseguia perdoar meus pecados do passado. Que proveito poderia tirar de tais experiências? Agora percebo que a memória deles serve como lembrança da misericórdia e poder do perdão. Certamente não estou feliz com as coisas que pratiquei. Não deixo, porém, de dar valor ao evangelho, pois sei onde estaria sem ele. Já não considero minhas transgressões passadas como sanguessugas da alma e descobri que são auxílios na caridade. Não estou defendendo o pecado a fim de obter caridade. A iniquidade nunca foi felicidade, apesar do que se obtém após o arrependimento. Entretanto há um propósito em nossa incapacidade de esquecer os pecados. Creio que é propósito de Deus que ajudemos os outros a entenderem que uma tábua nova os aguarda através do arrependimento — uma tábua sem furos ou mesmo rachaduras — uma tábua feita de uma árvore, como a cruz do Calvário. □

Edificar um Testemunho Pessoal: “Um por Um”

Presidência Geral da Sociedade de Socorro



ILUSTRADO POR JOHN SCOTT

Quando o Senhor apareceu aos nefitas, convidou cada um deles, dizendo “levantai-vos e vinde a mim, para que possais meter vossas mãos no meu lado e também tocar as marcas que os cravos fizeram em meus pés e minhas mãos, a fim de que possais saber que eu sou o Deus de Israel, e o Deus de toda a terra, e que fui morto pelos pecados do mundo”. E eles se aproximaram “e assim fizeram todos, um por um; e viram com seus próprios olhos, apalparam com suas próprias mãos, e souberam com toda a segurança” (3 Néfi 11:14-15.)

Edificar um Testemunho Pessoal

Nosso maior desejo é de que cada uma de vós, nossas irmãs, “levantai-vos... uma por uma”, para que possais jubilosamente participar das bênçãos provenientes de desenvolver um testemunho pessoal do Salvador. A Sociedade de Socorro é bem sucedida por causa de mulheres dignas que vieram a conhecer o Salvador individualmente, “uma por uma”.

Edificar alguma coisa significa criar, desenvolver, ou erigir. Um testemunho segue o mesmo padrão, tendo o estudo, oração e frequência às reuniões como os materiais básicos com os quais ele é edificado.

Pergunta: De que maneira podeis ser abençoadas pela edificação de um testemunho pessoal?

Esforço Pessoal

Edificar um testemunho próprio requer esforço pessoal. Ele não pode ser edificado sem esforço e dedicação individual. Rute, a moabita, é um excelente exemplo de alguém cuja ação pessoal exemplificou a intensidade de seu testemunho. (Leia Rute 1:16-17.)

Pergunta: Como um testemunho pessoal ajudou Rute a mudar de vida? Como ele pode ajudar a transformar a sua?

Metas Pessoais

As elevadas metas da Sociedade de Socorro devem motivar cada uma de nós a estabelecer as metas mais elevadas possíveis. Elas devem refletir nossas necessidades individuais, nossos anseios e maneira de ser. Devem ser baseadas em nossos pontos fortes e incentivar-nos a sobrepujar as fraquezas. Acima de tudo, nossas

metas devem levar-nos a realizações que edifiquem nossa autoconfiança, criem em nós o desejo de viver mais dignamente e fortalecer nosso testemunho pessoal.

Pergunta: Como estabelecer metas pessoais nos ajuda a edificar o testemunho?

Uma por Uma

Ao visitar os nefitas, o Salvador disse: “Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas. E eis que sou a luz e a vida do mundo” (3 Néfi 11:10-11). Após apresentar-se desse modo tão maravilhoso, ele os convidou dizendo “vinde a mim” para que cada um — “um por um” — fosse capaz de testemunhar “que era ele aquele sobre quem os profetas tinham escrito, afirmando que haveria de vir” (3 Néfi 11:14-15).

Regozijamo-nos com uma oportunidade semelhante de testificar que ele vive. Nosso testemunho deve ajudar-nos a adquirir maior vitalidade espiritual, para que possamos elevar-nos a novos níveis de retidão e realização pessoal. Como Presidência Geral da Sociedade de Socorro, convidamos todas a se juntarem a nós, “uma por uma” na edificação de um testemunho pessoal.

Pergunta: De que maneira aprofundar as raízes espirituais vos ajuda a edificar um testemunho pessoal? □

SEÇÃO INFANTIL.

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • MARÇO DE 1991





HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON



A DESTRUIÇÃO DOS JAREBITAS



Os Jareditas cresceram em número e se tornaram ricos. Eles escolheram um rei para liderá-los. Éter 6:18, 22-28



Muitos anos se passaram. Os Jareditas se tornaram iníquos. O Senhor enviou profetas para avisá-los que seriam destruídos, se não se arrependessem. Éter 11:1



O povo não atendeu aos profetas. Eles procuraram matá-los. Éter 11:2



Houve guerras e fome em toda a terra. Muitos Jareditas morreram. Éter 11:7

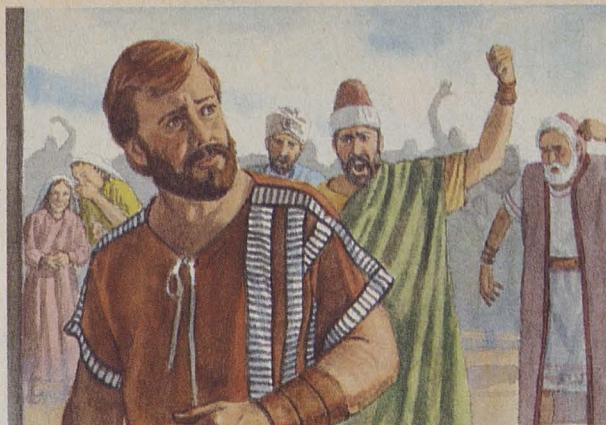


O Senhor enviou outro profeta, chamado Éter. Éter pregou desde a manhã até à noite. Ele disse aos Jareditas que cressem em Deus e se arrependessem. Éter 12:2-3

ILUSTRAÇÃO DE ROBERT T. BARRETT



Éter disse aos Jareditas que se eles acreditassem em Deus, um dia viveriam em um mundo melhor com o Pai Celestial.
Éter 12:4



Éter contou muitas coisas maravilhosas aos Jareditas, mas eles não acreditaram nele, e o expulsaram da cidade.
Éter 12:5, 13:13



Éter se ocultou na cavidade de uma rocha durante o dia, a fim de não ser morto. À noite ele saiu e viu o que ocorria entre o povo.
Éter 13:13



Éter terminou de escrever a história dos Jareditas enquanto estava escondido.
Éter 13:14



Coriantumr foi um rei Jaredita iníquo. O Senhor enviou Éter para dizer a Coriantumr que se arrependesse ou ele viveria para ver seu povo ser destruído.
Éter 13:16-17, 20-21



Coriantumr e seu povo não se arrependeram. Coriantumr procurou matar Éter, mas ele fugiu e escondeu-se na cavidade da rocha.
Éter 13:22



O povo era tão perverso que uma maldição sobreveio a toda a terra. Eles não podiam deixar seus instrumentos de trabalho ou espadas, porque no dia seguinte os objetos desapareceriam. Éter 14:1



Todos os Jareditas lutavam entre si, até mesmo as mulheres e crianças. Coriantumr liderou um exército. Outro homem, chamado Shiz, liderou o exército adversário. Éter 14:19-20, 15:15



Tanto Coriantumr como Shiz eram iníquos. O Espírito do Senhor havia se apartado do povo Jaredita em virtude de sua grande iniquidade. Satanás tinha inteiro poder sobre eles. Éter 15:19



Os Jareditas lutaram até que restaram somente Coriantumr e Shiz. Quando Shiz desmaiou devido à perda de sangue, Coriantumr cortou-lhe a cabeça. Éter 15:27-30



A profecia de Éter se cumpriu. Coriantumr foi o último Jaredita vivo. Mais tarde ele foi encontrado pelo povo de Zarahemla. Ômni 1:20-21



Éter terminou de escrever a história dos Jareditas. Eles tinham sido destruídos por causa de sua iniquidade. Os registros Jareditas mais tarde foram encontrados pelos nefitas. Éter 15:33

Orar com Fé

Reverentemente ♩ = 104-116

Cantar as partes separadamente, depois em conjunto.

1. Em o - ra - ção, de ma - nhã, Eu fa - lo ao

2. Eu co - me - ço di - zen - do: "Meu Pai Ce - les - tial", En - tão a - gra -

Pai Ce - les - te. Sei que me

de - ço as bên - çãos. De - pois eu lhe pe - ço o

ou - vi - rá Se com fé o - rar.

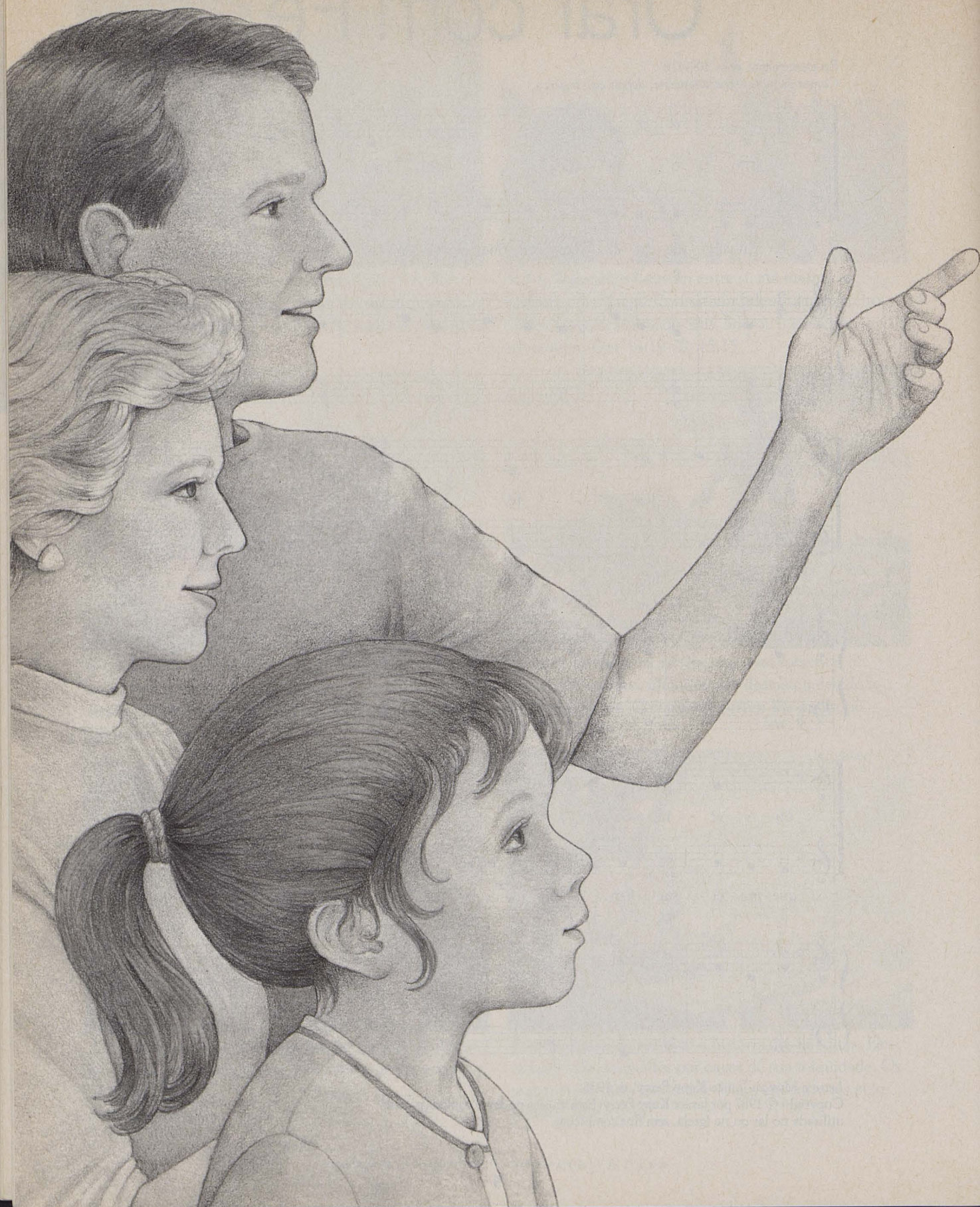
que pre - ci - sar Em no - me de Je - sus Cris - to A - mém.

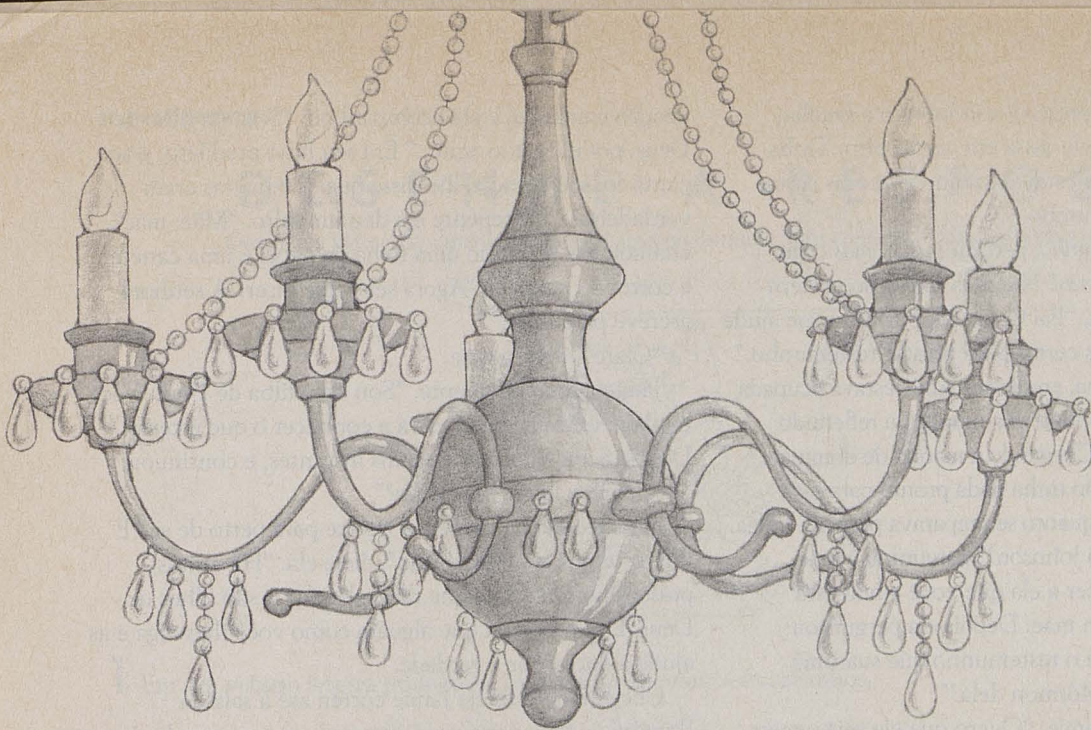
Chords: F, C7, Bb, Gm

Letra e Música: Janice Kapp Perry, n. 1938.

Copyright © 1987 por Janice Kapp Perry. Esta música pode ser copiada para ser utilizada no lar ou na Igreja, sem fins comerciais.

Salmos 55:17
Tiago 1:5-6





Testemunho de Jamie

Patrícia Warnock

Apresenta a oferta ... para lhes servir de testemunho (Mateus 8:4).



“Sou muito criança para ter um testemunho?” Perguntou Jamie à mãe.

“Por que você acha que é criança demais?”

“Porque hoje, na Primária, a irmã Johnson pediu que prestássemos testemunho a alguém que o escrevesse para nós. Vamos colocar nosso testemunho em um Livro de Mórmon e enviá-lo a um missionário. Então ele poderá entregá-lo a alguém. Tentei muito, mas não consigo pensar no que dizer. Creio que ainda não tenho idade suficiente para ter um testemunho.”

“Cinco anos de idade é suficiente para que um testemunho comece a crescer em seu coração”, disse a mãe. “Você apenas não encontrou a maneira de expressá-lo. Pense no que sabe sobre a Igreja e o que sente a esse respeito. Procure dizer o que seu coração lhe

diz ser verdadeiro”, disse ela, dando um abraço em Jamie. “Vamos pedir a seu pai que fale sobre testemunhos na noite familiar de amanhã.”

Jamie refletiu durante o restante do dia sobre o que diria. Ela deveria ter seu testemunho pronto para entregar à irmã Johnson no domingo seguinte. *Mas como terminá-lo, se não sei o que dizer?* pensou ela.

Era a vez de Jamie e de sua irmã Susan prepararem as guloseimas para a noite familiar, por isso na tarde de segunda-feira elas fizeram biscoitos. Naquela noite o pai deu uma lição sobre testemunho. “Um testemunho é parecido com a luz que brilha através dos cristais de um lustre”, disse ele, apontando para o que se achava logo acima deles. “Ela brilha e reluz dentro de você. Para ter um testemunho precisamos fazer certas coisas. Temos que orar ao Pai Celestial, e também estudar as escrituras. Obedecer aos mandamentos do Senhor, assistir às reuniões e partilhar do sacramento também ajudarão nosso testemunho crescer. É importante também que prestemos nosso testemunho aos outros.”

Depois que seu pai prestou testemunho à família, Jamie sabia que o que ele disse era verdadeiro. Tinha certeza também de que estava fazendo as coisas certas para ganhar um testemunho.

Quero prestar testemunho, pensou Jamie, *mas como posso encontrar as palavras?* Naquela noite, ao proferir suas orações, ela pediu, "Pai Celestial, por favor me ajude a encontrar as palavras certas para prestar testemunho."

O restante da semana, enquanto Jamie estava ocupada brincando e ajudando a mãe, ela continuou refletindo sobre seu testemunho. Chegando a manhã de domingo, entretanto, ela ainda não tinha nada pronto para ser escrito. Ela suspirou enquanto se preparava para ir à Igreja. "O que vou dizer à irmã Johnson?" perguntou à mãe.

"Talvez tenha de dizer a ela que você ainda está tentando", respondeu a mãe. Depois ela perguntou: "Que tal se você usasse o testemunho que sua irmã escreveu no Livro de Mórmon dela?"

"Não", respondeu Jamie. "Quero que ele seja o meu mesmo."

Como foi a primeira a se aprontar para ir à Igreja, Jamie decidiu ouvir sua fita de hinos da Primária, enquanto esperava os demais membros da família. Jamie gostava de cantar, acompanhando a melodia. A primeira

canção começou, e ela acompanhou: "Sou um filho de Deus, por ele estou aqui..." Era seu hino predileto, e ao cantá-lo, seu coração lhe disse que as palavras eram verdadeiras. De repente ela deu um salto. "Mãe, mãe", chamou ela, pegando uma folha de papel e uma caneta, e correndo para ela. "Agora sei o que dizer! A senhora escreve para mim?"

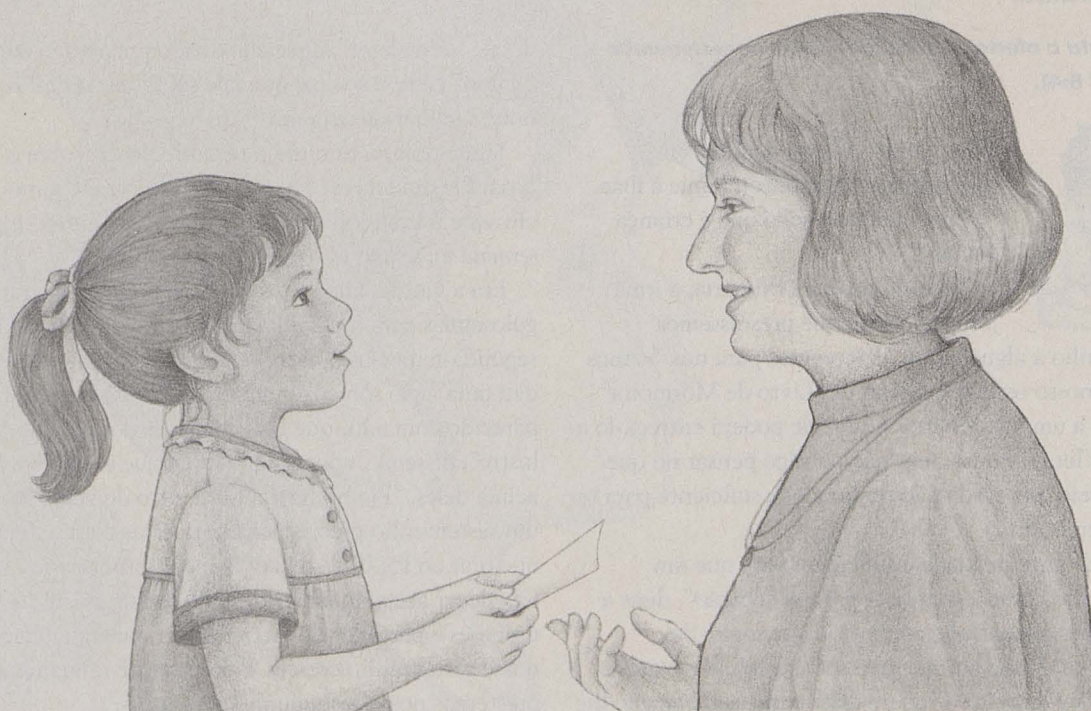
"Claro", disse a mãe.

Jamie falou claramente. "Sou uma filha de Deus. Você também é. Deus lhe ajudará a conhecer o que é certo." Depois ficou calada por alguns instantes, e continuou, "Isso parece um testemunho?"

A mãe enlaçou Jamie e a trouxe para perto de si. "É um testemunho muito lindo", disse ela. "Há tantas pessoas neste mundo que não sabem que são filhos de Deus. Elas precisam que alguém como você lhes diga e as ajude a encontrar a verdade."

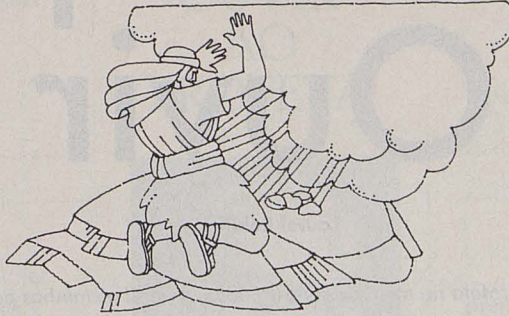
Chegando na Igreja Jamie correu até a sala da Primária, e foi a primeira a entregar seu testemunho à irmã Johnson. "Muito obrigada", disse a irmã Johnson. Depois acrescentou: "Hoje você está muito linda e radiante!"

"É por causa de meu testemunho", disse Jamie, animada, "está brilhando como um cristal!" □

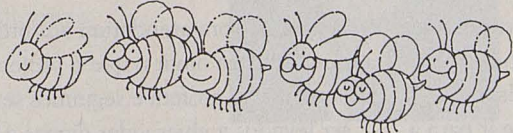


DESENHE A RESPOSTA

Desenhe e pinte o(s) desenho(s) nos espaços em branco, para completar cada sentença corretamente.



1 Em sua viagem à terra prometida, os Jareditas levaram seus rebanhos, _____ das

águas, e enxames de  . (Éter 2:1-3.) **2** O Senhor desceu

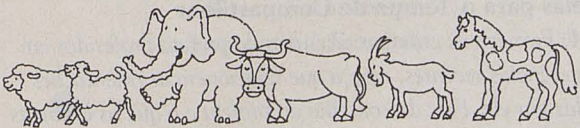
numa _____ para falar com o irmão de Jared. (Éter 2:4.) **3** O Senhor disse ao

irmão de Jared que construísse _____ ajustados, de modo que não podiam conter

água, como um _____ . (Éter 2:16-17.) **4** O irmão de Jared viu o

do Senhor, quando ele tocou as dezesseis pedras. (Éter 3:5-8.) **5** Quando o povo era justo, a terra prometida era

rica de, _____ cereais, tecidos finos, metais preciosos, e muitos animais, inclusive

 . (Éter 9:16-19.) **6** Quando o povo se tornou indigno e não

se arrependeu, o Senhor fez com que houvesse escassez e _____ venenosas sobre a

terra. (Éter 9:30-33.) **7** O povo expulsou Éter, e ele escondeu-se na cavidade de uma

e escreveu a história dos Jareditas. (Éter 13:13-14.) **8** O exército de Coriantumr armou suas

perto do _____ Ramá, onde Mórmon escondeu os _____ . (Éter 15:11.)



Respostas: (1) peixes, abelhas; (2) nuvem; (3) barcos, vaso; (4) dedo; (5) frutos, qualquer animal mencionado; (6) serpentes; (7) rochas; (8) tendas, outeiro, registros (placas de ouro).

Ouvidos para Ouvir

Laurel Rohlfig

Eis lhes suscitarei um profeta no meio de seus irmãos... e porei as minhas palavras na sua boca
(Deuteronômio 18:18).



Seus pais alguma vez, lhe sugeriram que fizesse alguma coisa que você não queria fazer? “Marcos, é a sua vez de lavar os pratos” ou “Jessica, já é hora de ir para a cama.” Mesmo tendo escutado bem, talvez tenha feito de conta que não ouviu, ou que podia simplesmente ignorar o pedido.

Os profetas de Deus sempre dizem ao povo as coisas que o Pai Celestial deseja que façam, para que sejam protegidos e vivam felizes. Mas geralmente as pessoas não têm ouvidos para ouvir. Isto não quer dizer que na realidade não tenham orelhas, mas sim que lhes falta o desejo de atender e obedecer ao que os profetas disseram.

Em Mateus 11:15 lemos “Quem tem ouvidos para ouvir ouça”. Quando o profeta Noé disse ao povo da sua época que se arrependesse, somente sua família teve ouvidos para ouvir. Eles embarcaram na arca e foram salvos do dilúvio. O profeta Léhi disse ao povo de Jerusalém que a cidade logo seria destruída, e que eles precisavam se arrepender para serem salvos, mas a maioria deles não ouviu. Pelo contrário, enfureceram-se e zombaram dele. A família de Léhi, entretanto, teve ouvidos para ouvir, e foi levada para um lugar seguro. Quando o profeta Abinadi pregou o arrependimento ao rei Noé e seus sacerdotes, Alma foi o único que teve ouvidos para ouvir. Ele se arrependeu de seus pecados e viveu uma vida digna e feliz.

Na conferência geral e em outras ocasiões, nossos profetas nos revelam coisas importantes que o Pai Celestial quer que façamos para solucionar os problemas e aceitar os desafios que temos hoje em dia. Assim como

os que outrora atenderam aos profetas, precisamos ter ouvidos para ouvir o que o profeta vivo nos diz. Quando ouvimos ao profeta e seguimos seu conselho, podemos ser levados a viver vidas dignas e felizes.

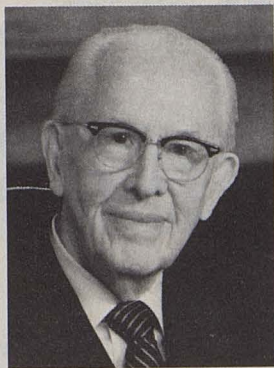
Instruções

Na página seguinte há um cartaz com diversas declarações de nosso profeta vivo, Presidente Ezra Taft Benson, para nos guiar e orientar atualmente. Pinte as margens de cada declaração. Retire cuidadosamente a página da revista e cole-a em um pedaço de papelão. Faça orifícios nos círculos, depois passe lã, corda ou uma fita estreita pelos orifícios. Faça um laço na parte de cima do cartaz e pendure-o em um lugar onde possa lê-lo freqüentemente.

Idéias para o Tempo de Compartilhar

1. Forneça às crianças discursos do profeta proferidos em conferências recentes, e peça que relacionem as orientações dadas por ele. Fale do conselho do profeta e o que as crianças podem fazer para segui-lo.
2. Faça brincadeiras que exijam que as crianças ouçam e obedeam às instruções do líder. Converse sobre as diferenças entre seguir estes tipos de orientações e as de um profeta.
3. Divida a classe em grupos, e peça a cada um deles que dramatize uma história sobre um profeta que pregou ao povo, mas este não ouviu.
4. Separe as crianças em grupos e encontre referências de escritura a respeito de ouvidos que ouvem ou não. Peça a cada grupo que leia as escrituras para o outro.
5. Cante hinos a respeito de seguir ao profeta.

OUVIR AO PROFETA



Ler diariamente o Livro de Mórmon e outras escrituras.

Santificar o dia do Senhor.

Ouvir boa música; ler bons livros; assistir a vídeos, filmes e programas de televisão edificantes.

Meninas - estar preparadas para o serviço missionário, se forem chamadas. Adquirir importantes habilidades domésticas.

Honrar pai e mãe.

Orar diariamente ao Pai Celestial.

Fazer diligentemente as tarefas escolares.

Assistir à reunião sacramental e à Primária.

Vestir-se com simplicidade.

Meninos - fazer planos para cumprir uma missão de tempo integral.

Ser honesto.

Viver a Palavra de Sabedoria.

Ser um bom cidadão.

Joyce Lesley

Meu Ser Maravilhoso

Suponha que seu professor lhe pediu que fizesse uma lista das máquinas mais complicadas que possa imaginar. Provavelmente, você alistaria coisas como uma nave espacial, um computador ou quem sabe um gravador de vídeo. Nenhuma delas, porém, é tão complicada como a máquina humana — seu corpo.

Faça em seu braço, com uma caneta esferográfica, um quadrado de dois centímetros e meio. Embora não possa ver debaixo daquele pedaço de pele, ela é tão fina como uma folha de papel, não obstante contém 22 metros de nervos (o comprimento de cerca de cinco automóveis colocados em fila). Ela também contém em média dez folículos capilares, 4,6 metros de vasos sanguíneos, e cerca de quinze glândulas sebáceas e 100 glândulas sudoríparas. Tudo isto, lembre-se, está dentro daquele pequeno quadrado de pele do seu braço!

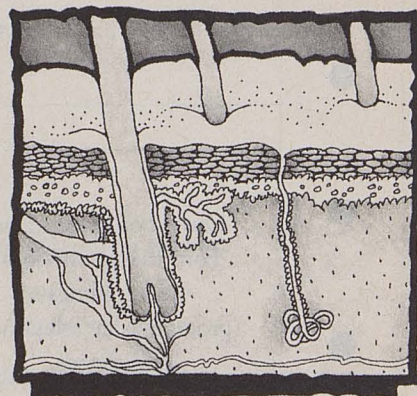
Se você correr por muito tempo, verá que a perspiração fará seus pés ficarem molhados. E se estiver nervoso, talvez as palmas das mãos fiquem suadas. Estas são as áreas do

corpo que possuem maior número de glândulas sudoríparas. Também é ali que existe o menor número de glândulas sebáceas, por isso é que enrugam quando ficam na água por muito tempo.

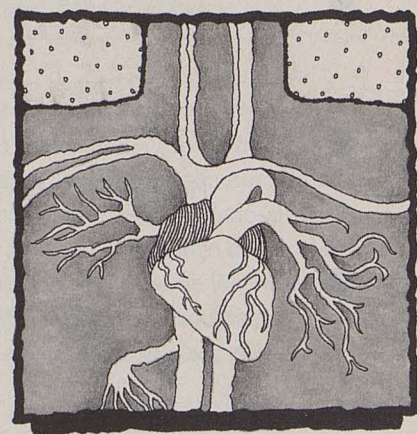
Seu coração é uma bomba milagrosa que mantém o corpo vivo enviando o sangue através de cerca de 112.600 quilômetros de vasos sanguíneos — e de volta — a cada minuto. O coração bate em média setenta vezes por minuto e descansa entre os batimentos. Com isso, quando você tiver setenta anos de idade, seu coração terá batido mais de 2,5 bilhões de vezes.

Um adulto pesando 68 quilos tem cerca de 5,2 litros de sangue no corpo. Mais da metade do sangue é água. Quando você brinca ou faz exercícios — ou até mesmo dorme — seu corpo perde água através do suor. Ele também perde água pelas vias urinárias. Por isso é importante beber bastante água para substituir a que perdeu, para que seu sangue e órgãos possam funcionar adequadamente.

Em um dia seu corpo respira mais de 11,335 litros de ar. Em cada



Pele



Coração

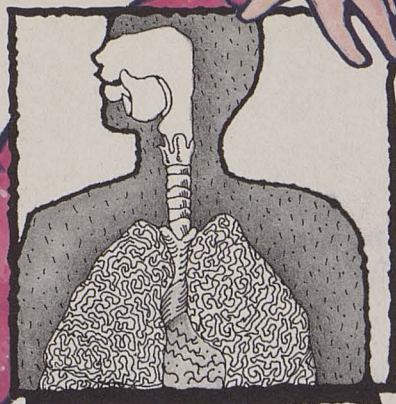
respiração, seus pulmões se enchem com cerca de meio litro de ar. Seu nariz está cheio de membranas umectantes e pêlos pequeninos, que servem para limpar, aquecer e umedecer o ar que você respira.

A língua parece uma coisa muito engraçada de se falar, mas imagine só todo o trabalho que ela faz! Você precisa dela para respirar adequadamente, para falar, mastigar a comida, e identificar se alguma coisa é doce, amarga, azeda, ou salgada.

Pode imaginar uma máquina que pudesse dizer a todas as coisas em seu



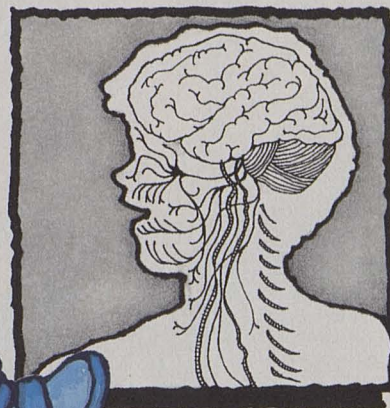
Nariz



Pulmões

corpo, como e quando funcionar? Ela teria que lhe informar quando você tocou no fogão quente. Teria que lhe dizer quando você está com frio ou com fome. Tal máquina faria seu coração bater sem que você notasse e diria a seus pulmões para respirar. Faria seus braços e pernas trabalharem, e muitas outras coisas. Esta máquina maravilhosa pesaria apenas 1,35 quilos. A máquina que pode fazer tudo isto, existe — é seu cérebro.

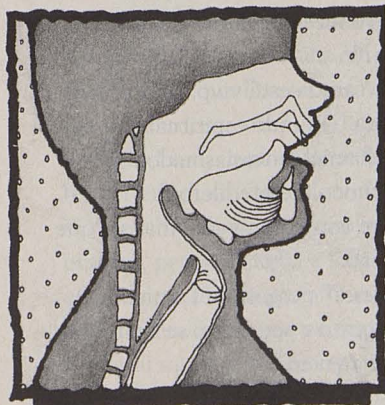
Seu cérebro, porém, é apenas uma parte do centro de controle de seu corpo. A outra, uma parte invisível



Cérebro

dele, controla seu cérebro e tudo o que seu corpo físico faz. Esta parte é chamada seu espírito. A maravilhosa combinação de seu corpo com o espírito (vide Doutrina e Convênios 88:15) foi criada por seu Pai Celestial e é uma de suas bênçãos mais valiosas.

Não abusando de seu corpo e fazendo tudo ao seu alcance para que funcione bem, ele durará por muitos anos e o levará com segurança através das mais diversas experiências da vida. □



Língua

VIVER DE NOVO



Todos serão vivificados em Cristo (I Coríntios 15:22).

Percebi que Daniel estava muito infeliz naquele dia. Em primeiro lugar, ele nem quis sair para brincar comigo, e eu sou seu melhor amigo! Depois que a mãe dele insistiu um pouco, ele saiu.

“Que tal jogarmos bola?” perguntei, esperançoso. “Você chuta e eu fico no gol.”

“Não, não quero”, disse Daniel, enfiando as mãos nos bolsos das calças e chutando uma pedra da calçada. “Não tenho vontade de fazer nada!” “O que houve?”, perguntei. “Você sempre gostou de jogar bola, especialmente quando estou disposto a ficar no gol. Está doente?”

“Apenas não me sinto bem, a vovó morreu”, respondeu Daniel, enxugando rapidamente uma lágrima no rosto.

“Oh, sinto muito. Acho que você sente muita falta dela.”

“Sentir falta! Eu nunca mais a verei!”

“Sim, você a verá”, respondi. “Ela apenas foi para o mundo espiritual.”

“Foi para onde?”

“Mundo espiritual”, repeti. “É para onde todos vão quando morrem.”

“Será que a verei de novo mesmo? Posso visitá-la nos fins de semana, como fazia?”

“Agora não, porque você ainda está vivo. Mas depois que morrer, também irá para o mundo espiritual.”

“É mesmo?” perguntou Daniel, entusiasmado. “Ela poderá fazer meu bolo de chocolate predileto?”

“Bem, não sei nada sobre isso”, respondi, “mas sei que algum dia todos ressuscitarão.”

“O que quer dizer com isso?” perguntou Daniel.

“Quero dizer que seu espírito e seu corpo se reunirão novamente, e você tornará a viver!”

“Como sabe de tudo isso?” perguntou Daniel, agora desconfiado.

— PARA SEMPRE

“Minha mãe nos ensinou na noite familiar da segunda-feira passada.”

“Então você não está inventando essas coisas?”

“Não. É verdade!”

“Está bem. Ainda sinto falta dela, mas talvez eu possa brincar um pouco com você.”

“Que bom! Então vamos!” Pensei que o tinha convencido e que tudo estaria bem, mas naquela noite Daniel veio à nossa casa com seus pais. Eles pareciam muito aborrecidos. *Estou em apuros agora*, pensei, então tentei me esconder.

“Marcos, venha cá”, chamou minha mãe.

“Marcos” começou a mãe de Daniel, quando entrei na sala, “hoje você disse a Daniel que ele veria sua avó novamente. Agora, não importa o que digamos, ele não quer ouvir nada diferente. A avó de Daniel está morta, e não há meios de a vermos algum dia. Precisamos que diga isso a Daniel.”

“Não posso”, disse calmamente. Daniel olhou para mim e eu vi que eu estava em apuros de verdade.

“Como não pode?”

Ela estava realmente aborrecida comigo, mas minha mãe me salvou. “Ele quer dizer”, começou ela vindo até mim e colocando as mãos em meus ombros, “que acreditamos que Daniel verá a sua avó de novo. E também todos vocês.”

“Mas Lisa”, implorou a mãe de Daniel, “como pode ter certeza disso? Tem alguma prova?”

“Vou-lhe mostrar.” Minha mãe tirou as mãos de meus ombros, pegou a Bíblia e folheou as páginas até encontrar e ler em voz alta esta passagem: “Assim diz o Senhor Jeová: Eis que eu abrirei as vossas sepulturas, e vos farei sair das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel.

E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir as



vossas sepulturas, e vos fizer sair das vossas sepulturas.” (Ezequiel 37:12-13.)

“Lisa”, perguntou o pai de Daniel a minha mãe, desconfiado, “essa citação é de sua ‘Bíblia de Ouro?’”

“Oh, você quer dizer o Livro de Mórmon. Não, esta é apenas uma versão regular da Bíblia”, respondeu minha mãe.

“Ora”, disse a mãe de Daniel, “essa é a mesma Bíblia que usamos. Não sei por que nunca vimos isso antes.”

“Todos ressuscitaremos como Jesus Cristo”, explicou minha mãe. “Isso quer dizer que todos viveremos novamente, como Marcos estava contando a Daniel. Em I Coríntios 15:21-22, lemos que: ‘Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.’”

Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo.”

Eles ficaram calados por alguns momentos, depois a mãe de Daniel disse, calmamente, “Creio que lhe devemos desculpas, Marcos. Jamais pensei que estivesse tudo na Bíblia.”

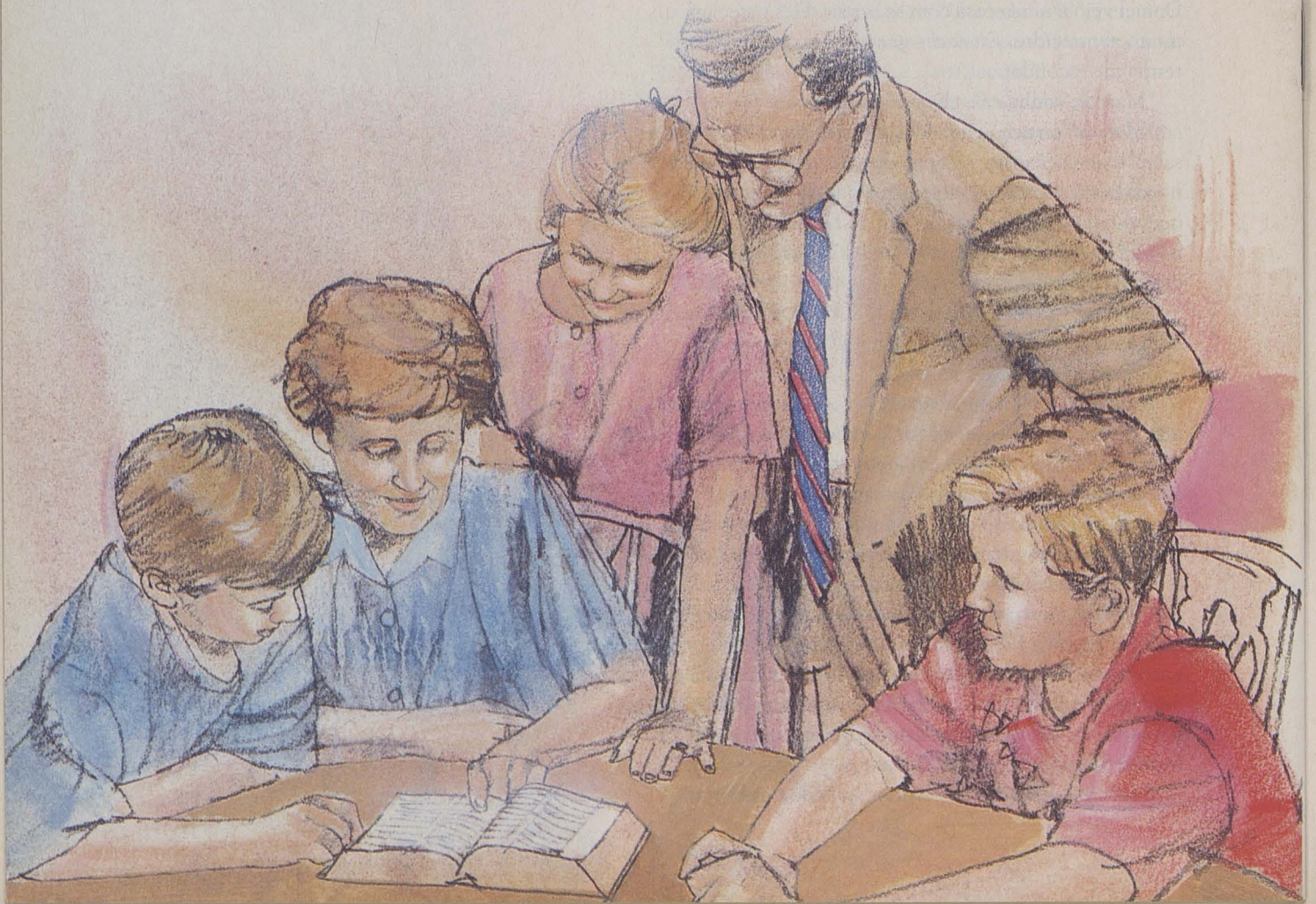
“Não tem problema”, respondi.

“Isso quer dizer...?” começou Daniel, novamente animado. “Isso quer dizer que Marcos estava certo, e que verei a vovó novamente?”

“Parece que sim”, disse a mãe de Daniel. “Precisamos estudar um pouco a respeito disso. Acho que depois voltaremos a perguntar mais algumas coisas a Marcos e seus pais.”

“Que bom!” respondi. “Venham mesmo.”

Bem, foi assim que o meu dia terminou. As coisas acabaram bem, afinal de contas, e sabem de uma coisa? A família de Daniel pediu aos missionários que fossem visitá-los na outra noite! Eles nos convidaram também. Foi realmente formidável ver os missionários ensinarem o evangelho a meu amigo. Espero que algum dia eu possa encontrar as escrituras rapidamente, como fazem minha mãe, meu pai e os missionários. Minha mãe diz que só é preciso ter prática. Mas vejam só — encontrei a primeira escritura para vocês: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11:25). □



“Pequenino como Eu”

R. Val Johnson

É Tempo de Compartilhar na Primária, e uma menina está sentada sozinha no fundo da sala de reuniões das crianças. Ela é igual a qualquer outra criança presente — exceto que não tem nariz, uma orelha, cílios verdadeiros, ou dedos. Enxertos de pele cobrem 45 por cento de seu corpo, e na perna esquerda tem uma braçadeira com quatro pinos que penetram os músculos até o osso.

Sage Volkman, aos oito anos, já enfrentou — e superou — muito mais dor que a maioria das pessoas já sofreu durante a vida inteira.

As crianças começam a cantar, e Sage as acompanha com voz fraca mas segura:

*Jesus pequenino foi também,
Pequenino como eu...*

INCÊNDIO

No dia 24 de outubro de 1986, o pai de Sage, Michael Volkman decidiu levar seus dois filhos para acampar.

Seis dias antes, Michael, sua esposa Denise, e o filho Avery, tinham sido batizados. Sua filha de 5 anos de idade, Sage — uma criança inteligente de olhos verdes, que adorava futebol e com talento para desenho — ficara desapontada por não poder ser batizada também; contudo estava contente por saber que um dia teria idade suficiente para o batismo.

O gelo começava a se formar no lago Bluewater naquela manhã, quando Michael e seu filho Avery, de

oito anos, deixaram Sage dormindo no trailer e foram pescar. Michael lamentou que Denise não pudesse ir com ele, porém ela era professora do jardim-de-infância e não encontrou quem a substituisse.

Quando o céu começou a clarear, Michael voltou ao trailer para ver como estava Sage. Tudo parecia bem. Cinco minutos depois que ele se reuniu com Avery no lago, os cães começaram a latir, Avery voltou-se e viu fumaça subindo do acampamento, a 140 metros de distância. O coração de Michael acelerou ao voltar correndo para o acampamento. O trailer estava envolto em chamas. Lá dentro Sage ainda estava no saco de dormir.

Escancarando a porta do trailer, a fumaça e as chamas forçaram Michael a recuar. Tomando fôlego, ele correu para dentro do trailer, retirando um pedaço após outro dos sacos de dormir, que estavam queimados, até encontrar o corpo inanimado de Sage.

Ignorando as queimaduras no rosto e nas mãos, ele arrastou Sage para fora do trailer e começou imediatamente a fazer respiração artificial. Decorreram quase três minutos. A menina não dava sinal de vida. Ele continuou a apertar o tórax dela com tanta força que quebrou uma das costelas. Por fim ouviu um murmúrio de Sage, e viu seu tórax movimentar-se.

Avery, que orava desesperadamente, lembrou-se dos recipientes com gás propano inflamável armazenados ao lado do trailer. "Pai", gritou ele, "acho melhor nos afastarmos daqui!"

Michael concordou e dolorosamente levou Sage para bem longe do trailer. Segundos depois os recipientes com propano explodiram.

Então, seguiram-se eventos tumultuados: a corrida de vinte minutos contra a morte, com um outro pescador que levou Michael e as duas crianças por uma estrada acidentada de terra, até uma estação de patrulheiros florestais, de onde pediram auxílio pelo rádio; a viagem de ambulância até Grants, Novo México, de onde Sage foi de avião para a unidade de queimados da Universidade do Novo México; depois a viagem de Michael, de 110 quilômetros com Avery, para Albuquerque, Novo México, em uma ambulância que ele não podia ver ou tocar, porque seus olhos e mãos estavam envoltos em ataduras.

SEGURANÇA

Quando Sage foi levada em uma maca para a unidade de queimados, a junta médica tinha pouca esperança de que ela vivesse até a manhã seguinte. "Deram-lhe apenas dez por cento de possibilidade de vida", lembra Michael. Ela estava com queimaduras de terceiro e quarto grau no rosto, braços, peito e pernas. Seu nariz e uma orelha desapareceram. Seus dedos ficaram tão carbonizados que tiveram de ser

amputados. Ela perdeu trinta e cinco por cento dos cílios. Um dos pulmões sofreu um colapso, e o outro quase não funcionava; deles foi retirado um litro de fuligem.

Além de tudo Sage também estava em coma.

A menina, de alguma forma, apegou-se à vida, e dois dias depois os médicos a consideraram forte o suficiente para receber o primeiro dos oito enxertos de pele. Então ela contraiu pneumonia.

"O que fizemos naqueles primeiros dez dias foi só chorar e orar", disse Michael.

Denise soube do acidente quando dava aula no jardim-da-infância. "Um delegado me telefonou. Tive de tapar a boca para não gritar. Quando vi Sage, não teria reconhecido que era minha filha, se alguém não me tivesse dito."

Tanto Michael como Denise atribuíram a salvação de Sage à perícia da junta médica que cuidou dela, e à fé e às orações dos membros de sua nova igreja.

"Descobrimos imediatamente o que era realmente a Igreja", disse Michael. "A ala realizou alguns jejuns especiais, embora nem mesmo soubéssemos naquela época o que era o jejum. Muitas pessoas nos apoiaram. Sage recebeu muitas bênçãos do sacerdócio."

Uma das primeiras bênçãos foi dada por Robert DeBuck. Ele e sua esposa, Ruth, tinham apresentado a Igreja aos Volkman. "Quando Robert abençoou Sage", lembra Ruth, "ele lhe disse que fosse aonde era seguro — os braços do Pai Celestial. Vivemos por muito tempo com a fé daquela bênção. Acreditamos que é lá que ela se encontrava."

Meses mais tarde, Sage apresentou evidências do poder daquela fé. Certo dia, Denise perguntou-lhe se ela lembrava alguma coisa daquelas primeiras seis semanas. Sage disse que se lembrava de ter estado com Jesus.

Com um pouco de ceticismo, a mãe perguntou: "Que disse ele?"

"Ele apenas me abraçou e disse que sentia muito que eu estivesse ferida. Disse que me amava", respondeu Sage.

"Que disse você a ele?"

"Que também o amava. Disse que queria ficar, mas ele respondeu que eu tinha coisas a fazer. Então ele se foi."

Denise, sempre a mais realista da família, sorriu.

"Diga-me, os anjos têm asas?"

"Mãe!" disse Sage. "Você sabe que os anjos não têm asas!"

A CURA

Duas semanas depois de Sage ter-se queimado, cuidados mais especializados para crianças queimadas foram oferecidos aos Volkman, em um hospital especial em Galveston, Texas. Sage viajou de avião os 1.500 quilômetros até Galveston no dia 6 de novembro. Ela ainda estava em coma.

Na equipe médica do hospital havia dois santos dos últimos dias. Jonathan Brough e Rob Durrans tinham visto vítimas de queimaduras, mas este caso era diferente. "Eu sempre fora capaz de reconhecer qualquer parte queimada do corpo do paciente, até conhecer Sage", escreveu Rob em seu diário, e do qual mais tarde enviou uma cópia aos Volkman.

"Quando Sage chegou, os médicos não foram otimistas quanto ao futuro dela", observou ele. "Se ela sobreviver esta noite, e isso é pouco provável", enfatizaram eles, "achamos que haverá danos cerebrais, perda de visão, problemas crônicos do pulmão, incapacidade de andar, e provavelmente perda de grande parte da audição. Qualquer coisa menos que isto será um milagre."

Em uma anotação em seu diário, Jonathan descreve o que aconteceu em seguida: "Pediram a Rob e a mim que déssemos uma bênção a Sage. Entramos no quarto da menina, vestidos como para uma cirurgia. Aproximamos-nos de sua cama e vimos uma figura imóvel e insensível. O respirador bombeava ar ao lado de sua cama, os tubos — para seus pulmões, para inflar-lhe o estômago, e dar-lhe alimentos — entravam por todas as aberturas do rosto. Ela estava seriamente desfigurada. Somente os

pezinhos eram reconhecíveis como pertencentes a uma criança antes tão bonita. Se alguma vez desejei de dar uma bênção para libertar alguém desta vida, foi naquela hora. Previ os desafios intransponíveis que aquela menina teria de enfrentar, bem como os sacrifícios que os pais teriam de fazer para que ela voltasse a ter qualquer grau de independência.

"Rob ungiu o frágil vestígio do corpo da menina, depois ambos impusemos as mãos sobre sua cabeça para selar a unção. Poucas vezes senti o Espírito falar tão poderosamente por meu intermédio como naquele instante. Para minha surpresa, ouvi-me abençoando-a com forças para superar a destruição que seu corpo sofrera."

Tanto Rob como Jonathan ficaram abismados com a bênção que haviam dado, especialmente com a promessa de inteira recuperação. "Apesar de tudo, nós dois fomos instantaneamente avisados de que tudo estaria bem", escreveu Rob. "Ao encerrarmos a bênção, deixei meus dedos repousarem por mais alguns momentos sobre a cabeça dela — tive a sensação de que ela estava retirando forças de mim, e quando levantei as mãos, senti-me completamente exausto."

Nos dias seguintes Sage ficou entre a vida e a morte. Algumas feridas que sangravam retardaram os planos para cirurgia, e ela continuava em coma. Doações de amigos permitiram que Ruth DeBuck viesse a Galveston para ficar com Denise, e as duas freqüentemente esfregavam os pés de Sage, contavam-lhe histórias ou cantavam hinos, esperando que alguma coisa penetrasse no mundo de sonhos em que ela se encontrava.

Um dia, quando Denise estava deitada na cama de Sage, ela olhou para o rosto desfigurado da filha e disse, "Oh, eu te amo, Sage".

E Sage sussurrou, "Eu também te amo".

Recuperando-se de seus terríveis ferimentos, Sage disse que se lembrava de ter estado com Jesus: "Ele me abraçou e disse que sentia muito que eu estivesse ferida. Disse que me amava. Disse-lhe que também o amava. Disse que queria ficar, mas ele respondeu que eu tinha coisas a fazer."

RECUPERAÇÃO

Saindo do coma, Sage começou a se recuperar, passou a respirar sozinha. Depois, embora falar lhe fosse doloroso, ela lentamente voltou a aprender a fazê-lo. Após estar cinco vezes na mesa de operação, Sage voltou para casa no dia 23 de dezembro — a tempo para o Natal.

Sage começou a fazer terapia em um centro de reabilitação em Albuquerque. A pele queimada se enruga ao sarar e os exercícios de alongamento se tornaram extremamente importantes. Em casa, ela teve que submeter-se a banhos que inicialmente duraram três horas, para que seus pais raspassem a pele morta e limpassem a nova com água oxigenada. Aprender a andar de novo exigiu-lhe toda a coragem.

Desde aí ela voltou à escola, e aprendeu a andar de bicicleta. Talvez sua maior provação tenha sido perder os dedos: ela achava que eles voltariam a crescer, como o cabelo. Sua atividade favorita tinha sido o desenho, e ela sentia muito a falta disso. Conseguiu, porém, ajustar-se. Há alguns meses uma loja de Albuquerque deu-lhe um computador, e ela está se tornando perita em usá-lo para criar desenhos e brincar com jogos.

Entretanto, a vida nunca mais será a mesma. Algumas pessoas, principalmente as crianças, que a vêem pela primeira vez, ficam assustadas. Para uma menininha amigável, que permanece a mesma por dentro apesar das mudanças exteriores, a rejeição pode ser devastadora.

Certo dia Sage brincava fora de casa, quando uma criança se aproximou dela. Despreparada para a experiência, ela saiu correndo, gritando: "Monstro! Monstro!" Aquilo a magoou, mas Sage soube entender. "Os meninos costumavam rir de mim", disse ela. E agora? "Na escola não. Às vezes as pessoas me encaram quando vamos ao supermercado."

Os membros da ala fizeram o possível para que o retorno de Sage a Galveston fosse o mais confortável possível. Um pouco antes dela voltar, no Tempo de Compartilhar, a presidência da Primária realizou uma atividade para mostrar às crianças que as pessoas feridas

ou aleijadas, também são filhas do Pai Celestial e precisam de nossa ajuda.

Nancy Eldridge, que na época era presidente da Primária, gravou uma fita de vídeo com Sage falando às crianças. Na fita ela contava sua experiência e esperanças que tinha para o futuro, e assegurou a seus amigos que ela ainda era "a mesma Sage de antigamente".

Nancy afirmou que cada uma das crianças teve de ajustar-se a Sage a seu próprio modo. Seu próprio filho teve dificuldade com isso. "Ele gostava de Sage, mas tinha receio, e isso o incomodava. Então ele passou a escrever-lhe bilhetes carinhosos, até pôr em ordem seus sentimentos."

Os líderes da ala e professoras de Sage, como Katy Warren, que ensina Sage há dois anos, estão constantemente atentos às suas necessidades. Elas a colocam onde as crianças agitadas não esqueçam e batam inadvertidamente na braçadeira da perna dela. E quando chegou a época de entregar os anéis do CTR, elas o puseram em uma corrente especial, para que Sage pudesse usá-lo no pescoço.

PROPÓSITO

As escrituras afirmam que "na caridade não há temor". (I João 4:18.) Basta conhecer Sage para amá-la; não há lugar para outro sentimento. Ela representa tudo o que qualquer um de nós espera alcançar nesta vida — pureza de propósito, caridade, e uma independência obstinada, que a impede de desistir.

O bispo Webb lembra do acerto anual do dízimo que fez no ano passado com Sage e sua família. "Perguntei a Sage: 'Você é dizimista integral?'"

Ela respondeu: 'Não.'

Perguntei-lhe se tinha algum dízimo para pagar, a fim de tornar-se dizimista integral.

Ela respondeu: 'Sim.' Então retirou um envelope com dinheiro e empurrou-o por cima de minha mesa.

'Quer que eu preencha o recibo para você?' perguntei. 'Não', disse ela. 'Você segura o papel e eu escrevo.'

Então, com um lápis entre os cotos dos braços, com grande esforço preencheu o recibo.

O bispo sabe, como outras pessoas da família de Sage, o quanto foi difícil a recuperação dela. Às vezes a dor que sentia era quase impossível de suportar. Certo dia, quando estava fazendo terapia em casa, ela implorou à mãe que não a machucasse mais. Denise falou-lhe de uma menininha que chorou tanto, que seus pais desistiram da terapia, e agora ela não pode andar.

Sage chorou. "Gostaria de poder dar meu corpo para que aquela menina andasse de novo."

E de certa forma ela o fez. A história de Sage foi publicada em todos os Estados Unidos. "Desde que os artigos começaram a aparecer, passamos a receber cartas de todo o país", diz Michael. Uma foi de uma senhora que estava morrendo de câncer; ela havia recortado o retrato de Sage de uma revista e colocado onde pudesse vê-lo facilmente. "Agora, quando sinto dor", escreveu ela, "olho para ele e digo, 'Sua mulher tola, que motivo tem você para se entristecer?'"

Um outro, escreveu para contar-lhes que ele se sentiu tão inspirado que decidiu reativar-se na Igreja, após anos de afastamento.

"Creio que parte da missão de Sage agora é demonstrar às pessoas que elas podem realizar coisas na vida, não importa o que sejam", afirma Michael. "Ela será uma excelente missionária. Ela já é."

Não foi fácil para Sage ter fé no futuro. Durante aqueles primeiros dias terríveis, Michael e Denise enfrentaram a angustiante possibilidade de que Sage morresse. "Chorávamos pela Sage que conhecíamos", disseram eles, "e então enfrentamos o desafio de aceitar a nova Sage. Quando ela se recuperou, nós também fomos espiritual e emocionalmente curados."

O apoio dos santos e vizinhos foi uma parte vital dessa cura. Ruth DeBuck permaneceu com Denise as primeiras noites no hospital. Elas ficaram em camas separadas, que foram colocadas juntas, com as cabeças encostadas e segurando-se as mãos.

"Conversamos durante a noite inteira, lutando para aceitar aquele terrível pesadelo", disse Ruth. "Falamos do que aconteceria se Sage morresse, e como seria se continuasse a viver. Tudo o que uma mãe mais desejava para sua filha foralhe subitamente arrancado do coração, e Denise teve que suportar aquela perda. Nos primeiros dias, tivemos que renunciar aos antigos sonhos e então fazer outros."

Ruth viu aqueles sonhos florescerem. "Vimos Sage, em alguma época futura, se casando no templo", disse ela. "Algum jovem, bom e puro, que possa enxergar através da aparência física e ver a sua beleza espiritual. Vemo-la com seus filhos, vivendo o evangelho, recebendo a alegria que ele oferece, e vivendo muito além de suas queimaduras."

"Quando coisas terríveis acontecem, algumas pessoas aprendem a confiar no Senhor", disse Kirk Wood, um dos membros da ala. "Outros se tornam amargurados e perdem essa oportunidade. Os Volkman confiaram no Senhor e por isso cresceram espiritualmente.

"A experiência que vivemos foi muito difícil e maravilhosa para todos nós", diz ele, "é impossível considerar uma tragédia assim como sendo maravilhosa, mas ela nos mostrou o que realmente importa. Ela fez com que nos despojássemos de tudo o que não é essencial."

Michael humildemente explica: "Temos mais sorte que a maioria das pessoas. Temos o evangelho."

Denise sorri. Ela olha para Michael, Avery e Sage, e diz com simplicidade: "O evangelho cura". □

A vida de Sage jamais

será a mesma.

**Algumas pessoas,
principalmente as cri-
anças que a vêem
pela primeira vez,
ficam assustadas.**

**Para uma menininha
amigável, que per-
manece a mesma por
dentro apesar das
mudanças exteriores,
a rejeição pode ser
devastadora.**

“Fui Aprovado para Rebatismo”

Gaye Galt

Na terceira semana de cada mês realizamos uma noite familiar especial para um grande número de membros da ala, que se reúnem em minha casa. Entretanto, uma destas noites foi particularmente inesquecível para os que dela participaram.

Nosso grupo “regular” consiste de viúvas, viúvos, recém-conversos, pessoas que se mudaram recentemente para a vizinhança, e outros. Preparamos algo para comer, temos uma conversa agradável, que chamamos de nosso “tempo de compartilhar” — quando uma ou duas pessoas falam de sua vida para que as conheçamos melhor.

Todos estávamos muito interessados em conhecer um irmão mais idoso e sua esposa recém-convertida, e queríamos incluí-los em nossas noites familiares. Embora eles sempre fossem à Igreja, jamais conseguiam ir à nossa reunião mensal. Por isso, fiquei muito feliz quando certa semana eles disseram que iriam.

Então, uma noite antes da reunião, aquele irmão telefonou. Fiquei muito desapontada ao ouvi-lo e disse, brincando: “Não vai dizer novamente, que não poderá vir!” Ele respondeu, sorrindo: “Espere até ouvir por que não poderei comparecer desta vez. O bispo entrevistou-me esta tarde e disse que eu fui aprovado para rebatismo.”

Sempre havia pensado que ele era uma pessoa em pleno gozo da condição de filiado à Igreja, e fiquei emocionada com a notícia. Ele continuou a me dizer que a espera fora longa e dolorosa. “Você não pode imaginar o que isto significa para mim”, afirmou. “Quero ser batizado imediatamente. A cerimônia está marcada para amanhã.” Expressei o desapontamento de que nenhum de nós pudesse estar presente a ela por causa da noite

familiar que tínhamos marcado, mas desejei que tudo corresse bem.

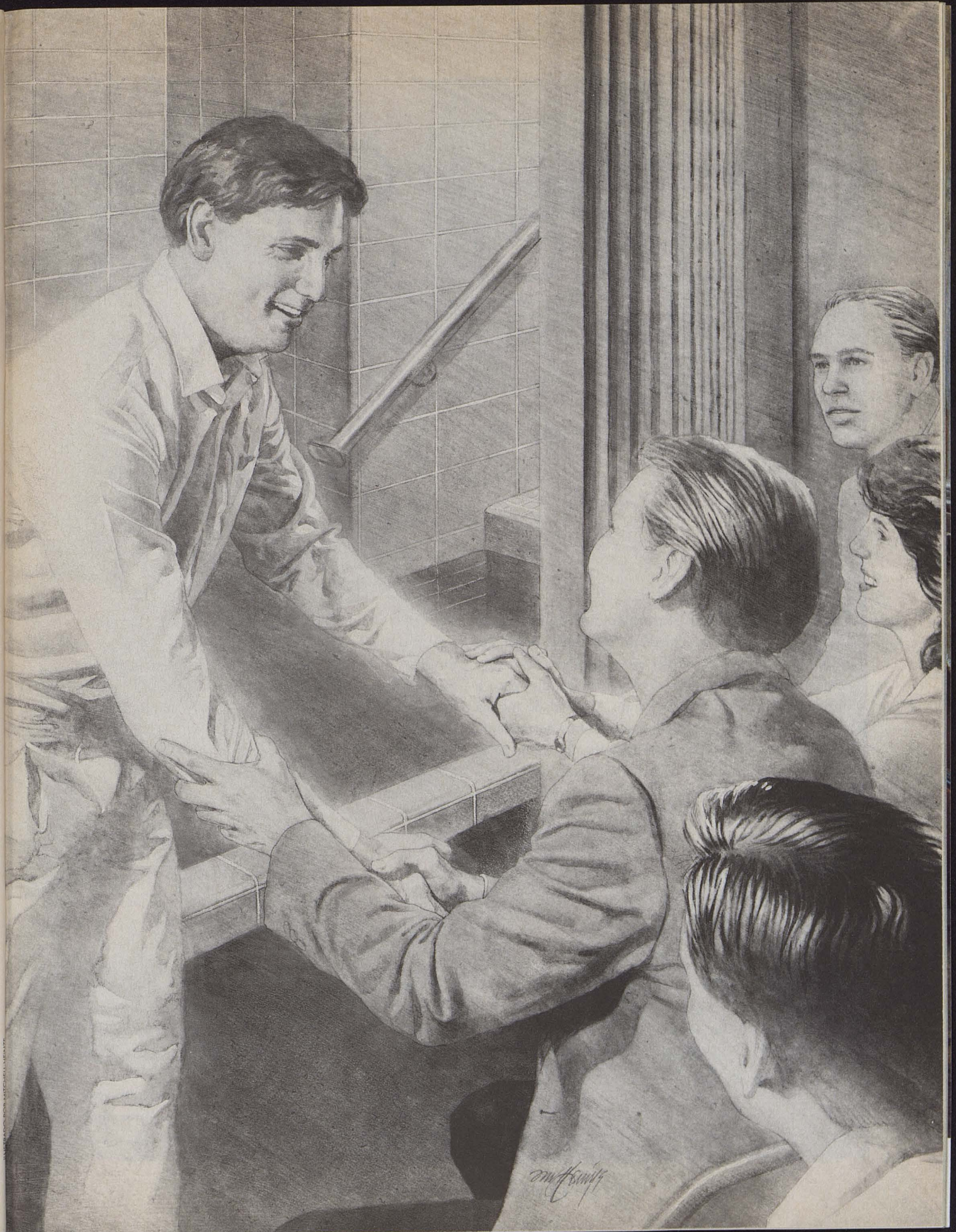
Chegando a noite seguinte, um telefonema com a voz nervosa da esposa do bispo interrompeu os preparativos da nossa noite familiar. O bispo, que era médico, fora chamado ao hospital para um atendimento de emergência, explicou ela. Para piorar, o líder missionário da ala tinha viajado a negócios. O irmão que ia ser batizado aguardava na capela com alguns membros de sua família.

Enquanto a esposa do bispo procurava falar com o presidente da estaca, meu marido explicou ao nosso grupo de noite familiar: “Não há ninguém na capela além da família dele”, afirmou, “estariam dispostos a apoiar este irmão neste importante acontecimento de sua vida?”

Suas palavras encheram nossos corações com o Espírito. Fomos rapidamente de carro para a capela e encontramos o presidente da estaca preocupado. Ao tomar nossos lugares, um forte espírito envolveu o recinto, tão profundo que os olhos de todos se encheram de lágrimas. Quando o candidato ao batismo entrou e viu aqueles rostos sorridentes e chorosos — cheios de amor a ele, — murmurou, “eu sabia que tudo daria certo, e que vocês todos estariam aqui”.

O que aconteceu a seguir foi uma linda reunião, espiritualmente poderosa, que nenhum de nós jamais esquecerá. Quando terminou, demos os parabéns ao recém-batizado, e dissemos: “Nós o amamos.” Ele nos abraçou e caiu em prantos. Retornamos à nossa noite familiar e passamos juntos uma noite muito espiritual, prestando testemunho sobre o batismo, arrependimento, e as maravilhas do evangelho. □

Gaye Galt pertence à Ala Hughson, Estaca de Turlock, Califórnia.



Walter Spät

e a Primeira Estaca Sul-Americana

Walter Spät era presidente do Ramo do Centro, na cidade de São Paulo, Brasil, em 1954, quando os membros do ramo realizaram um bazar a fim de levantar fundos para a construção da capela de São Paulo. A atividade incluía prêmios — objetos finos, lindos quadrinhos de madeira, azulejos com moldura de madeira pintados com belos motivos e citações das escrituras. “Não seria uma extravagância”, imaginaram alguns membros, “comprar objetos tão dispendiosos e elaborados para levantamento de fundos?” Eles souberam mais tarde que os presentes haviam sido feitos pelo próprio Presidente Spät, com um mínimo de despesas, muito esforço e boa vontade.

A principal distração de Walter Spät era expressar-se artisticamente na pintura. Durante anos, até o seu falecimento em 1989, ele pintou mais de cem quadros a óleo. Durante a maior parte da sua vida, porém, os encargos da família e da Igreja tinham precedência sobre seus interesses e ambições pessoais. Um jovem emigrante alemão, que chegara com sua família ao Brasil, radicando-se inicialmente no Estado de Santa Catarina após a I Guerra Mundial, Walter esforçou-se e tornou-se um bem sucedido projetista de móveis e hábil artesão, um laborioso converso da Igreja no Brasil e, finalmente, o primeiro presidente de estaca da América do Sul.

Para Walter o trabalho do Senhor começou logo após

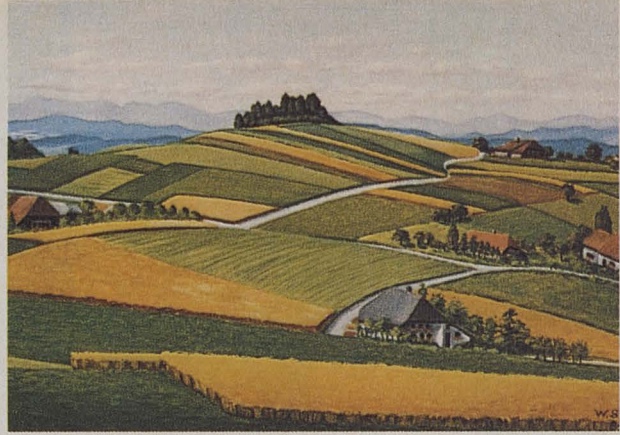
seu batismo em 1950. Seus pais, irmão e irmã tinham voltado à Alemanha, pretendendo que Walter se juntasse a eles após vender a fazendola da família em Suzano, Estado de São Paulo. Com o início da II Guerra Mundial, Walter permaneceu no Brasil e, mudou-se para São Paulo, onde em 1946 casou-se com Edith Altmann, uma emigrante suíça. Walter trabalhava como marceneiro, estudava à noite, e logo surgiu a questão religiosa em seu lar.

Edith freqüentava regularmente uma igreja, mas Walter recusava-se a acompanhá-la. Ele só poderia tornar-se membro dedicado de uma igreja quando encontrasse a verdadeira, dizia. Walter tinha a impressão de que ela existia. E assim cada manhã, logo que Walter saía para o trabalho, Edith se ajoelhava e pedia a Deus que lhes mostrasse a igreja verdadeira. Cinco meses depois, em novembro de 1949, missionários norte-americanos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias bateram à sua porta.

Durante alguns meses Walter estudou com os missionários, leu as escrituras, e freqüentou as reuniões

Como jovens emigrantes europeus, Walter e Edith Spät se conheceram no Brasil, onde, com o passar dos anos, constituíram um lar e uma família dedicada ao evangelho.





PINTURAS DE WALTER SPÄT

da Igreja. Gradualmente foi se convencendo de que esta era a Igreja verdadeira, e no dia 12 de março de 1950 Walter Spät foi batizado. Edith filiou-se à Igreja em outubro daquele mesmo ano. Por ter sido membro de uma rígida denominação protestante, ela achava difícil aceitar certos aspectos da vida SUD, principalmente os bailes realizados no prédio da capela. “Somente depois que li o Livro de Mórmon, vários anos após ser batizada”, afirma ela, “é que realmente me convenci de que esta era a igreja do Senhor.”

A profunda convicção de Walter levou-o a dedicar-se incansavelmente à igreja verdadeira. Ele foi chamado como presidente do quorum de élderes, depois foi presidente de ramo, conselheiro do presidente da Missão Brasileira, e membro do conselho do distrito — chamados que cumpriu, conforme afirma José Lombardi, seu amigo e companheiro em muitas designações da Igreja, “com zelo e dedicação que chegavam à perfeição. Ele realmente esperava muito de uma pessoa, porque exigia muito de si mesmo.”

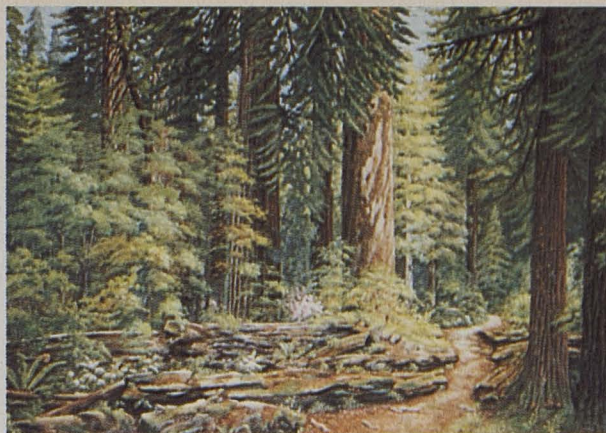
“Como líder”, afirma José, “Walter era exigente. Ele era conhecido como um homem severo.” Walter, contudo, ficava triste ao saber que havia magoado alguém, e não demorava a pedir desculpas. José lembra um incidente em que ele e Walter discutiram quando trabalhavam juntos em uma designação da Igreja. “Voltei à reunião dominical

em tempo para o sacramento, e senti que não poderia tomá-lo tendo aquele sentimento no coração”, disse José sobre o acontecido. “Antes do sacramento, porém, senti a mão de alguém em meu ombro. Era Walter. Ele queria desculpar-se, para que pudéssemos participar do sacramento com paz no coração.”

Pouco tempo depois, em uma ensolarada manhã de maio de 1966, algo notável aconteceu na vida de Walter, e na de todos os santos no Brasil e América Latina: Foi organizada a primeira estaca nesta parte do mundo, na cidade de São Paulo, Brasil. Ela consistia de sete alas e três ramos, e o Élder Spencer W. Kimball propôs aos santos que apoiassem o irmão Walter Spät como seu presidente.

A estaca incluía extensas regiões da maior cidade da América do Sul, uma das mais populosas do mundo. O Presidente Spät confiou no vigor de seu sumo conselho para ajudar as alas a treinar a nova liderança. Seu esforço em estabelecer e fortalecer a liderança das alas e estaca numa região que havia pertencido a uma missão granjeou-lhe o respeito dos membros.

Mark Grover, que foi missionário no Brasil na época em que Walter Spät era presidente de estaca, lembra: “Ele não demonstrava facilmente as emoções, mas importava-se muito com os outros. Foi um presidente de estaca incrível. Fazia as coisas acontecerem — e queria



que fossem feitas da maneira certa e do modo que o Senhor queria que ele fizesse”.

Walter tinha dois filhos, Oswaldo, e Glória, e nessa época andava bastante ocupado em sua fábrica de móveis. Glória lembra que seu pai normalmente saía para o trabalho antes das seis horas da manhã. “Ele foi um ótimo pai para nós, embora seu tempo fosse bastante limitado”, afirma ela. “Sempre procurávamos fazer com que descansasse, que saísse em férias, mas ele simplesmente não conseguia parar de trabalhar. A arte era seu único passatempo, mas nem mesmo teve tempo para ela antes de se aposentar.”

Walter dizia a sua família que um dia descansaria — “depois de minha missão no templo”. Isto só veio a acontecer depois de ter sido presidente de estaca por dez anos e meio. Quando o Templo de São Paulo estava quase concluído, ele foi chamado como membro do comitê executivo para a abertura e dedicação do templo. Ele fez lindos e finos móveis para o templo, e mais tarde, após servir como representante regional, foi chamado para ser conselheiro na presidência do templo.

Em 1984 Walter aposentou-se. Durante vários anos ele dedicou muito de seu tempo à pintura. Oswaldo lembra que seu pai “adorava pintar a natureza. Ele deu a sua arte a mesma atenção que aos chamados na Igreja — com os olhos voltados à perfeição e com o coração

dedicado. Ele deve ter completado antes de morrer quase duzentos quadros.

Walter e Edith estavam cumprindo uma missão no templo, e só faltavam alguns meses para seu término, quando ele ficou gravemente enfermo com câncer, e ficou confinado ao leito pela primeira vez na vida. Durante a enfermidade, ele refletiu sobre sua vida. “Meu pai percebeu que havia realizado muita coisa”, afirma Glória, “mas também viu que poderia ter descansado um pouco mais. No final, com todo o seu sofrimento ele ficou mais brando. O que mais o fazia feliz era saber que sua família tinha forte testemunho do Evangelho de Jesus Cristo.”

Walter Spät morreu em 15 de maio de 1989, e deixou 9 netos.

A cidade de São Paulo tem agora duas missões, quatorze estacas, e aproximadamente 47.000 membros. Muitos santos brasileiros lembram dos “primeiros tempos”, quando a Igreja estava apenas começando no país. Ninguém pode deixar de lembrar do nome de Walter Spät como um dos pioneiros da Igreja no Brasil. □

Neusa Longo é membro da Ala Santo André 1, Estaca Santo André Brasil. Flávia Erbolato, gerente do Departamento de Tradução da Igreja em São Paulo, Brasil, contribuiu com a maior parte das informações deste artigo.



FOTOGRAFIA DE PHIL SWETZ

À esquerda: Residentes no Brooklyn, desde 1962, o irmão e irmã Gonzalo Ayerdis asseguraram-se de que seus filhos não esqueceriam sua herança cultural. O irmão Ayerdis agora é bispo da Ala Brooklyn 2.

Abaixo: Cheryl Roberts e Lisa Morgan, Membros da Ala do Brooklyn 1.

Janelas do Brooklyn para o Mundo



Glen Nelson

Assistir às reuniões da Igreja na capela do Brooklyn é como sentar-se na Assembléia Geral das Nações Unidas, que fica perto. Ali se reúnem duas alas e um ramo, separados por idiomas em unidades que falam inglês, espanhol, e chinês.

Os membros do Brooklin, porém, são bem mais diferentes do que estas três divisões possam sugerir. Na Ala Brooklyn 1, por exemplo, os membros são naturais de quarenta países diferentes, inclusive a Argentina, Austrália, Barbados, El Salvador, Inglaterra, Etiópia, Granada, Guatemala, Haiti, Itália, Nigéria, Paquistão, Panamá, Filipinas, Porto Rico, Suíça, e Trinidad e Tobago. Os membros dos Estados Unidos também são de procedência igualmente variada, vindos literalmente de uma costa a outra do país. Até mesmo as pessoas nascidas no Brooklyn reivindicam ricas heranças étnicas

— judeus, italo-americanos, afro-americanos, para mencionar algumas.

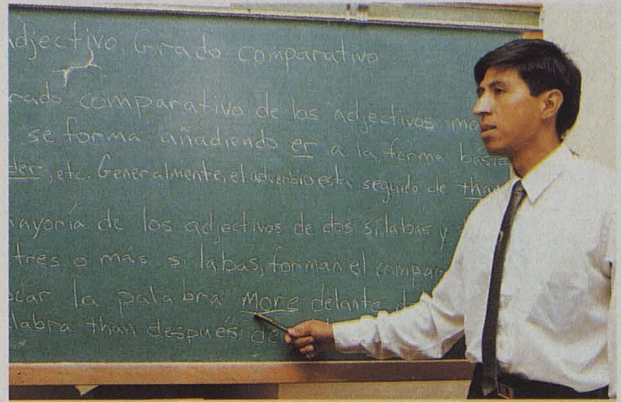
A história da Igreja no Brooklyn reflete a da própria cidade — a quarta maior cidade dos Estados Unidos, mesmo quando separada dos quatro outros municípios, que juntos formam a Cidade de Nova York. É legendaria sua tradição de ser uma das encruzilhadas do mundo. As estimativas sugerem que até 1940, três dentre quatro americanos podiam traçar a história da família pois seus ancestrais viveram ou haviam passado pelo Brooklyn.

A Igreja estabeleceu um ramo no Brooklyn já em 1837, e entre 1840 e 1890, cinquenta mil conversos europeus chegaram em grupos organizados pela Igreja. Depois disso milhares de santos continuaram viajando para Nova York. O Brooklyn continuou a ser por muitos





À esquerda: Quando se mudaram para o Brooklyn, a família Petrus, da Ala Brooklyn 1, aprendeu a “confiar sempre no Espírito”. Da esquerda para a direita: Raquel, Gregory, Sarah, Mike e sua mãe, Mireille. Abaixo, em cima: A mistura étnica da Estaca Nova York inclui membros do Ramo Chinês, como Thomas Ko, confraternizando com uma visitante, Alice Chew. Em baixo: Bonifasi o Ganis Rios, primeiro conselheiro da presidência dos rapazes, da Ala Brooklyn 2.



anos o principal porto de entrada dos imigrantes da Igreja.

Em toda a sua história, a Igreja no Brooklyn tem servido como um ponto de parada para os viajantes que, cedo ou tarde, continuam sua viagem para outro lugar. Em 1846, a Igreja contratou o primeiro navio para levar os santos à Califórnia, iniciando uma migração para o oeste. O nome do navio: *Brooklyn*.

Em anos recentes, a composição das alas do Brooklyn tem se modificado de quase uma maioria de santos europeus de cinquenta anos atrás para um elevado percentual de membros vindos de outros pontos mais próximos ao Equador. Entretanto, quer os membros tenham emigrado de outros países ou migrado de outros estados norte-americanos, quase todos são “estrangeiros”.



Randy Dow, da Ala Brooklyn 1, trabalhou por muitos anos com os jovens, mas enfrenta experiências no Brooklyn que ele "nunca teve, e que provavelmente nunca terei".

Entre os cerca de 1.200 membros adultos da igreja no Brooklyn quase não existem nativos daquela região.

Mireille Petrus e sua família são um exemplo da fidelidade e diversidade dos santos do Brooklyn. Eles vieram do Haiti há oito anos para os Estados Unidos e confiaram muito na Igreja ao chegarem a uma sociedade desconhecida. "A Igreja nos ajudou a permanecer no mesmo plano espiritual que antes", observa Raquel, filha mais velha de Mireille. A irmã Petrus é professora na Escola Dominical para outros haitianos da ala que falam francês, e não se preocupam muito em criar seus quatro filhos adolescentes numa região conhecida pela criminalidade e pobreza. Ela os preparou bem, e eles falam de experiências atemorizantes e perigosas, com calma e confiança. "Devemos confiar sempre no Espírito, para saber o que fazer", diz Raquel.

As famílias fortes e ativas no programa do seminário produziram no Brooklyn uma juventude SUD entusiasta e bem disposta. De acordo com Randy Dow, que é natural do Estado do Maine e trabalhou por muitos anos com os jovens, "há alguns anos começamos o seminário com apenas alguns alunos. Um dos problemas era que os pais não queriam que seus filhos chegassem em casa tarde da noite". Os carros particulares são raros no Brooklyn, mas foi organizado um esquema para buscá-los, e mais tarde começaram a ter atividades nas classes semanais. Agora o seminário é realizado nas noites de sexta-feira por escolha unânime dos jovens.

O irmão Dow se surpreende com os desafios que os adolescentes enfrentam: "Certa semana, nosso debate no seminário começou com um jovem nos contando a respeito de um assassinato em sua escola. Há experiências que nunca tive e provavelmente jamais terei." Ele é, contudo, sinceramente grato por seu trabalho com os jovens e pela oportunidade de ser uma boa influência para eles.

Respondendo a perguntas sobre a dificuldade de criar uma família no Brooklyn, em comparação com sua terra natal, Honduras e Nicaragua, o irmão e a irmã Gonzalo Ayerdis são otimistas: "Aqui é mais fácil", diz a irmã Ayerdis. "Pelo menos sabemos que sempre podemos ter

um emprego." Eles trouxeram seus cinco filhos ao Brooklyn em 1962, e logo acrescentaram mais dois à família. Aos quarenta e um anos de idade, o irmão Ayerdis encontrou emprego como carpinteiro. Sete anos depois, a família comprou uma casa — outra raridade no Brooklyn. Atualmente todos os seus filhos são casados, exceto a filha mais nova, que voltou recentemente de uma missão no Arizona.

O espanhol ainda é a linguagem preferida do casal, que se orgulha de seus filhos falarem tanto inglês como espanhol. "Quando nos mudamos para cá", diz a irmã Ayerdis, "não havia escolas bilingües nem alas em que se falasse o espanhol, por isso fiz com que meus filhos falassem espanhol em casa, para que não esquecessem o idioma."

O irmão Ayerdis atualmente é o bispo da Ala 2 do Brooklyn, onde as reuniões são realizadas em espanhol. Ele recorda o dia em que levou sua família para ver o juiz que lhes concederia o visto permanente de residência nos Estados Unidos: "Nossos filhos sentaram ao nosso lado em um banco comprido — ficaram quietinhos como anjos." O juiz explicou que a Cidade de Nova York corromperia as crianças e disse à família: "Que pena vocês trizerem seus filhos adoráveis para cá." A irmã Ayerdis respondeu: "Pode ser que tenhamos deixado nossa mobília, nossa casa, nossas roupas em nossa terra natal, mas trouxemos as nossas tradições."

O ramo e as alas do Brooklyn apresentam uma amostra do mundo encontrada em poucas alas. Embora a diversidade de idiomas, cultura e raças possa fascinar os turistas ou novos membros, a maior parte dos santos do Brooklyn, provavelmente não se conscientizam de tais diferenças. Em vez disso, estão mais harmonizados com os aspectos em que são semelhantes — semelhantes no testemunho do evangelho, semelhantes em suas histórias de como foram para o Brooklyn e semelhantes em seu forte laço familiar e compromisso com a juventude. □

Glen Nelson, ex-morador do Brooklyn, atualmente é membro da Ala Manhattan 2, Estaca Nova York Nova York, onde ele e sua esposa trabalham com membros surdos.



CÂNTICOS DE PÁSSAROS E VIOLETAS

Thomas J. Griffiths

Mesmo crescendo em um pequeno povoado no País de Gales, onde nossa família vivia, eu sabia que meu pai era diferente. A principal ocupação da população masculina era extrair carvão da mina local. A vida deles era igual à de seus ancestrais — trabalhando no fundo da mina durante o dia e passando as noites no bar local, jogando e bebendo cerveja. Devido à natureza servil de seu trabalho e à falta de dinheiro, as roupas dos mineiros eram bastante surradas. A maioria deles tinha uma roupa para ir à igreja no domingo e seus sapatos eram bem engraxados, mas faltava muita limpeza em suas roupas cotidianas. Tal não acontecia com meu pai. Ele estava sempre com as roupas em ordem.

Meu pai era de altura média, tórax robusto, e muito forte. Ele tinha cabelos negros sempre bem penteados, e o bigode cuidadosamente aparado lhe realçava a aparência. Suas roupas eram feitas por um alfaiate. Meu pai nunca ia ao povoado se não estivesse apropriadamente vestido. Seus sapatos eram engraxados e ele punha na lapela uma flor colhida do jardim.

Esta descrição dá a impressão de que ele se julgava melhor que seus colegas de trabalho, mas não era assim. Ele tinha um sorriso amigável e uma atitude gentil para com todos.

Quando jovem ele tinha sido jardineiro, e trabalhara por muitos anos para pessoas ricas, que tinham grandes jardins. O último homem para quem trabalhou tinha parreiras premiadas. Por negligência, elas cresceram imperfeitas e sem poda, e as uvas eram de péssima qualidade. O patrão pediu a meu pai que cuidasse das vinhas a as recuperasse para que de novo produzissem bons frutos. Sendo hábil jardineiro, ele as podou até bem perto do tronco. Quando o proprietário, que nada

entendia da cultura da uva, viu o que o jardineiro tinha feito, ficou muito zangado e meu pai perdeu o emprego.

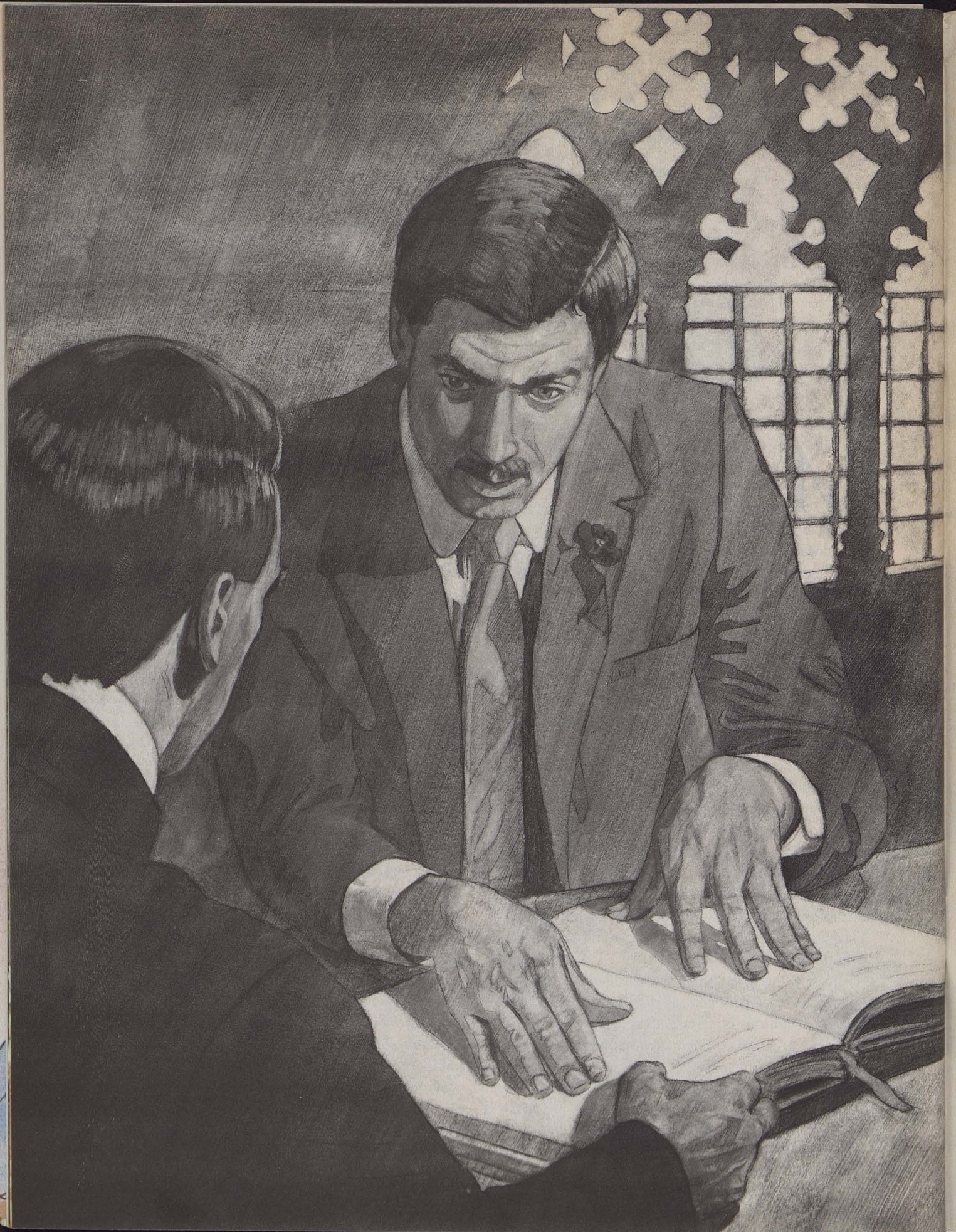
Por isso ele abandonou a jardinagem e mudou-se para a região das minas de carvão. Ali ele começou a trabalhar como operário, mantendo os trilhos da ferrovia em boas condições. Após aproximadamente um ano, a companhia reconheceu que ele era um operário excepcional e promoveu-o a supervisor.

A horta de meu pai causava inveja ao povoado. Nele não se via uma erva daninha. Sua plantação de verduras era feita em linha reta, como uma fila de soldadinhos. Ele sempre dizia à Mam (mãe) que guardasse a água de sabão quando lavava roupas, e com ela regava os vegetais em crescimento. Anos mais tarde, aprendi que era a soda do sabão que matava os insetos.

Ele adorava sua família, e em vez de freqüentar os bares, passava a noite nos divertindo com seu acordeão e nos ensinando a cantar e dançar.

Após sua conversão à Igreja, a manhã de domingo era sempre uma ocasião especial. Após a Escola Dominical, e enquanto Mam preparava o jantar, ele levava os filhos a um passeio nas colinas e nos ensinava a respeito da natureza e história. Parava perto da ruína de uma parede construída no tempo dos romanos, e nos falava da grandeza do império romano. Nosso pai nos ajudava a imaginar gladiadores demonstrando a perícia na arena, enquanto as multidões aplaudiam. Ele também nos explicou sobre a destruição daquela nação, outrora grandiosa.

Ele tornava o estudo da natureza interessante para nós. Certa vez colheu uma violeta de um barranco e chamou todos os filhos para seu lado. “É apenas uma flor pequenina”, disse ele, “mas contém muitos elementos



dados por Deus — uma agradável fragrância e pétalas mais macias que o veludo mais fino — e tudo isto foi produzido pelo solo e pelos raios do sol.”

Certa vez, em uma dessas caminhadas, encontrei um ouriço. Ele estava escondido debaixo de uns arbustos, nos encarando com seus olhos pequenos e redondos. Eu queria cutucá-lo com uma vara, mas nosso pai não deixou. “Por que ferir a pequena criatura? Ele já se vê acuado pelos cães e raposas, não o incomodemos.”

Em outra ocasião ele nos fez parar e fez sinal para que ficássemos quietos. Depois apontou para um ponto negro no céu. “Prestem atenção”, disse ele, baixinho, “e ouçam a voz de Deus.” Paramos e ouvimos o cântico de um pássaro que esvoaçava pelo céu. Não ouvi a voz de Deus, mas anos depois aprendi o que ele quis dizer.

Certa noite, quando estava chovendo, a família sentou-se ao redor da lareira, quando de súbito me ocorreu uma idéia. “Pai”, disse eu, um pouco audacioso para um menino, “fale-nos a respeito de nossos avós de seu lado da família. Conhecemos nossos avós do lado de Mam, mas nada sabemos sobre nossos outros avós.”

Antes de responder, ele ficou olhando alguns momentos para o fogo. “Thomas”, disse ele, “é uma boa pergunta, mas sei muito pouco acerca de meu pai. Minha mãe, falecida há alguns anos disse-me que ele morreu pouco depois do meu nascimento, e nunca visitei seu túmulo. Algum dia farei isso.”

Pouco tempo depois meu pai anunciou que estava tirando um dia de folga para fazer um passeio no campo. Nada havia de incomum naquilo, já que seus parentes moravam em um pequeno chalé de um povoado a poucos quilômetros dali. Quando ele voltou para casa naquela noite, podíamos ver por sua maneira de agir, que acontecera alguma coisa errada. Alguns dias depois ele reuniu a família e revelou o que sucedera.

Ele havia visitado uma velha igreja de um povoado chamado Llanviangel, e lá encontrou o registro de seu pai e de seu próprio nascimento. Esta foi a história que ele nos contou:

Em um pequeno povoado num vale onde havia uma mina de carvão, seus avós tiveram uma menina. Deram-

lhe o nome de Rhonwen. Aos dezesseis anos de idade, ela foi trabalhar como empregada na casa de uma família rica. Antes que um ano se passasse, ela voltou para casa grávida. Seu rico patrão abusara de sua inocência. Ao descobrir que ela esperava uma criança, pagou-lhe dois meses de salário e a mandou para casa.

Rhonwen casou-se com um dos jovens do povoado antes do nascimento do bebê. Ela não o batizou nem registrou seu nascimento, e ele cresceu com o nome do marido dela, que morreu em um desastre numa mina de carvão pouco depois da criança nascer.

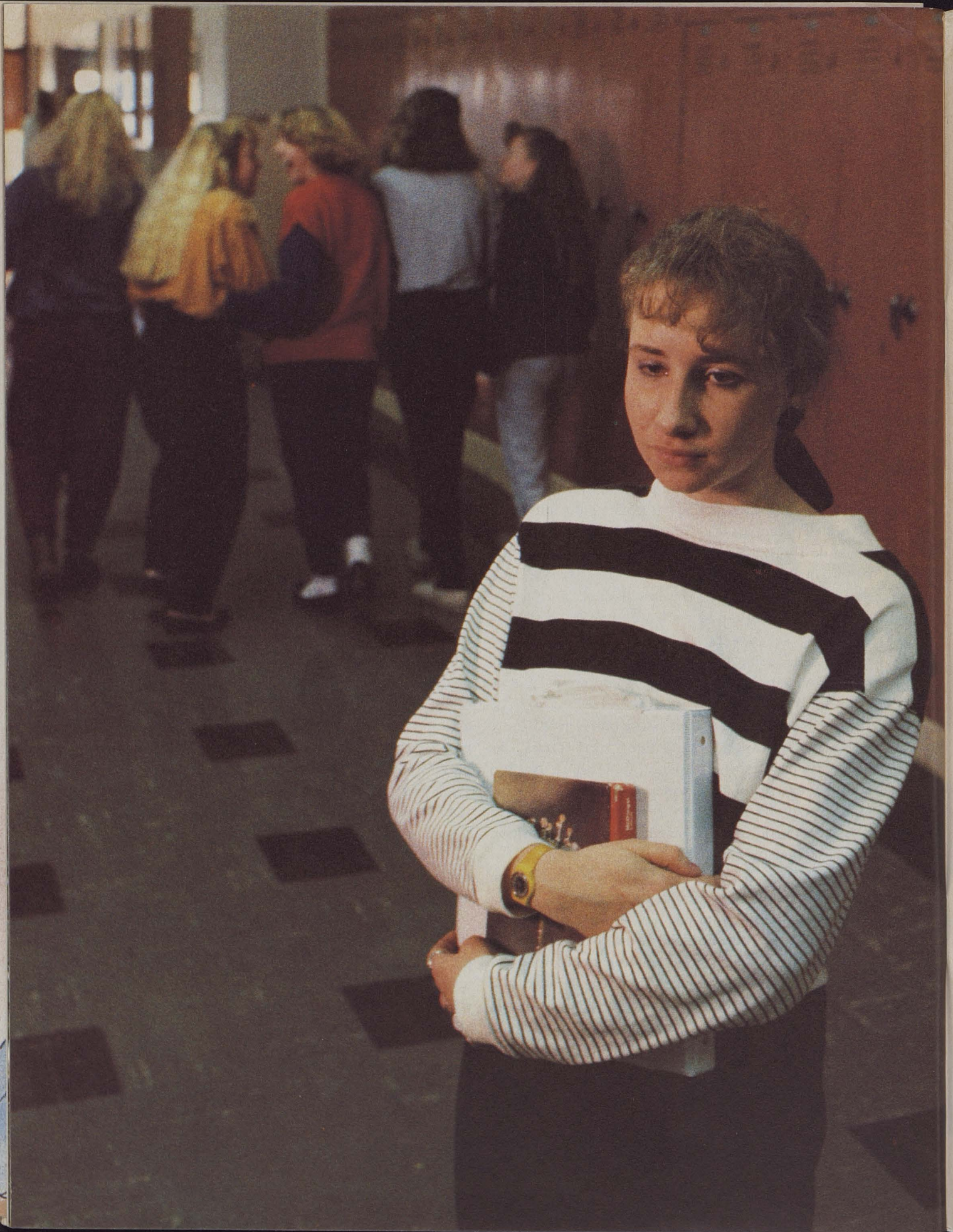
A descoberta das circunstâncias de seu nascimento, que mais tarde foram registradas pelo ministro da igreja, mudou a vida de meu pai. Ele perdeu o interesse pela horta e por sua aparência pessoal. Em vez de estar feliz consigo mesmo, tornou-se mal humorado e melancólico.

Certo dia, Mam, que normalmente era amável como um anjo, fez nosso pai sentar-se em sua cadeira predileta. Sua amabilidade se esgotara, e em seus olhos havia um pouco de raiva. “Gwyllam (William)”, disse ela, “você está agindo como um tolo. Só porque um homem perverso se aproveitou de uma jovem e ela teve um filho, você está amaldiçoando a si próprio e transferindo essa culpa para toda a família. Foi Deus quem o fez nascer, e reconheci em você um homem direito a quem amei ternamente e com quem casei.”

Aquele brilho continuava em seus olhos, quando ela continuou. “Não vou ficar aqui e vê-lo destruir a si mesmo e a nós.”

Enlaçando o pescoço dele com os braços, e com uma voz agora cheia de amor, ela disse: “Oh, meu Gwyllam, não podemos viver do passado. Temos um ao outro, nossos filhos e nosso amor. Alguém pecou, mas não foi você. Além do mais, temos o evangelho e você possui o sacerdócio de Deus. Que mais podemos pedir?”

Foi então que a agonia de seu coração transbordou, transformando-se em lágrimas — lágrimas que baniram para sempre a amargura e purificaram sua alma. Daquele dia em diante ele voltou a ser o pai que tanto amávamos. Reiniciamos nossas caminhadas pelas colinas e ele voltou a cuidar de sua horta e das flores. □



Meu Amigo

Minhas ex-amigas e minha nova melhor amiga preferiram me rejeitar. Eu realmente estava magoada, até o dia que me conscientizei de que tinha um amigo que jamais me abandonara.

Patrícia R. Roper

Uma experiência ocorrida durante meu quinto ano do curso primário poderia ter-me deixado emocionalmente magoada e marcada por muitos anos, mas transformou-se em um dos melhores momentos de minha vida — tudo por causa de uma amiga muito especial.

Naquele ano as jovens de minha idade começaram a formar grupos de amigos. Havia diversos grupos diferentes, mas “o melhor deles” era o das adolescentes mais populares da escola. Todas as minhas amigas pertenciam a ele, e também eu, no princípio. Então algo aconteceu. Não sei exatamente o quê.

Certo dia Bonnie, uma das jovens mais populares da escola, veio falar comigo e me disse que eu estava fora do grupo.

“Mas, por quê?” perguntei. “O que foi que eu fiz?”

“Só não queremos mais que fique conosco”, respondeu ela.

Compreendi, então, que precisava encontrar uma nova amiga. Achava que podia fazê-las ficar com inveja e perceberiam que não me estavam magoando. Assim ganhei uma nova amiga. Seu nome era Vicki. Eu a escolhi porque tinha certeza de que o grupo jamais daria a menor atenção a ela. Na verdade, ela era baixinha, magra e não muito bonita. Ela, porém, tornou-se uma grande amiga.

Vicki e eu passamos bons momentos juntas. Nós duas parecíamos gostar de fazer as mesmas coisas. Eu estava começando a gostar tanto de estar com ela que decidi que não precisava mais do grupo, enquanto houvesse a Vicki.

Logo depois que eu e ela nos tornamos amigas, estávamos sentadas na relva da escola, tomando refrigerante, comendo doces e rindo à vontade. Repentinamente, Vicki ficou muito séria, parou de rir e começou a amassar nervosamente a embalagem de um doce. Quando ela finalmente olhou para mim, pude perceber que tinha algo importante em mente.

“O que houve?” Perguntei.

Vicki procurou por alguns momentos controlar a voz, antes de responder. “Nunca tive uma melhor amiga antes”, disse ela olhando-me nos olhos. “Podemos prometer que seremos as melhores amigas para sempre?”

“Claro que sim”, respondi, achando uma boa idéia, e sorri ao pegar um papel de doce. “Eu também gostaria que fosse assim.”

Algum tempo depois o grupo começou a notar Vicki. “Vamos, Vicki”, diziam, “Venha tomar lanche conosco”, ou “Por que não se junta a nós?”

No começo Vicki se negou, mas então os convites se tornaram irresistíveis demais.

Lembro-me muito bem daquele dia. Como sempre, quando cheguei à escola fui diretamente ao armário de Vicki. Do final do corredor pude ver o grupo ao redor dela. Quanto mais eu chegava perto, mais barulhentos e alegres eles pareciam. Algumas de minhas ex-amigas me olharam de lado, antes de lançar a cabeça para trás, em explosões de riso forçado.

Vicki nem me olhou. Ela estava por demais absorta com toda aquela atenção. Acho que não podia culpá-la por isso. Ela já teria esquecido nossa promessa?

Naquele momento Vicki e as jovens do grupo saíram do salão risonhas, de braço dado, passando por mim como se eu não existisse.

Desta vez fiquei profundamente transtornada. Tentei

não deixar que o grupo percebesse o quanto me magoava, mas elas podiam ver que estavam conseguindo.

Então um dia aconteceu — uma das maiores experiências de minha vida. De súbito me conscientizei de que tinha um amigo que o grupo jamais conseguiria me tirar, alguém que sempre estaria lá, com quem poderia conversar a qualquer hora, e que nunca me abandonaria.

Ao fazer essa surpreendente descoberta, uma cálida sensação começou a crescer em meu coração até engolfar-me inteiramente.

Percebi que era o Pai Celestial dizendo que me ama. Senti vontade de gritar, rir, ou chorar. Naquele momento senti-me tão nova, — tão especial e — amada.

Pouco tempo depois Bonnie veio falar comigo. “Como se sente?” perguntou ela, sem jeito.

“Muito bem”, respondi com uma expressão intrigada. Ela ficou em silêncio por algum tempo, enquanto se esforçava para continuar.

“Estávamos apenas imaginando”, começou Bonnie, “e achamos que você quisesse ficar conosco novamente. Sabe, fizemos uma votação e bem, a maioria ainda gosta de você.”

“Obrigada”, respondi. “Vou pensar sobre isso”. Achava bom elas me quererem de volta, mas percebi que ser parte do grupo já não era tão importante para mim.

Devido àquela experiência encontrei um verdadeiro amigo pelo qual eu gostaria de fazer alguma coisa, em troca do que fizera por mim. Lembrei-me de uma escritura que diz: “Vai, e faze da mesma maneira.” (Lucas 10:37.) E assim comecei a procurar alguém que precisasse de uma amiga. □



"As Bodas de Caná", de Carl Heinrich Bloch.

Convidado a participar das bodas de Caná, na Galiléia, Jesus realizou o primeiro de seus milagres, ao transformar a água em vinho. O mestresala da festa provou a água transformada em vinho e não soube de onde ele viera: "se bem que o sabiam os serventes". (Vide João 2:1-11.)



Provenientes do Haiti, estes santos de língua francesa ajudaram a criar a interessante mistura de nacionalidades que freqüentam a capela do Brooklyn, Estaca Nova York. Da esquerda para a direita: Pearl Thorne, Emmy Ubah, e Monica Oglé. Vide “Janelas do Brooklyn para o Mundo”, na página 36.